



Fr. Francisco do Monte e Herne.

FR. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE

De boa mente acceitei, com pressentir-lhe escabrosidades, o encargo de recommendar á lembrança publica varão já tão recommendado por si mesmo.

Por dois respeitos o acceitei: primeiro, porque, dado nascesse 'naquellas tão apartadas terras do Brasil, n'ellas nasceu portuguez; e d'esse titulo, herdado com o sangue, usou e se presou todos os 38 primeiros annos de sua vida, sem que por todo o restante d'ella intendesse jámais que ás mutações politicas se houvessem affectos naturaes de sujeitar, ou que um imperio por fadado a grandes coisas devesse renegar todo o seu passado glorioso, legado commum de nossos communs progenitores.

Eramos pois, se não conterraneos, compatricios certamente.

Mas o segundo respeito maior força ainda me fazia: eu tinha-o conhecido; que vale tanto como dizer tinha-o amado e venerado; tinhamos-nos apertado a mão fraternalmente; e pensando 'nelle, cá tão longe, como que me sentia ainda senhoreado da sua eloquencia caudalosa, da sua erudição profunda, da sua philosophia pura e brilhante; quem passou horas absorto ao pé das cataractas do Niagara, ou da Tejuca, leva para toda a parte e para toda a vida o assombro, quasi as sensações, quasi até os borrifos scintillantes d'aquelles dois portentos.

Antes de tudo esta effigie que logo no primeiro relance vos captivou, carece de completada; faltam-lhe côr e vida; o insuflar-lh'as pertence á linguagem. Oiçamos um dos seus elegantes biographos brasileiros.¹

«Vibrante como a da araponga era a voz de Monte Alverne; «natural e gracioso seu accionado; communicando ainda alguma coisa de solemne ao seu magestoso porte o burel de S. Francisco.» E n'outra parte: «Era de estatura alta, fronte espaçosa, «olhos grandes, magro e de movimentos rapidos. Seu aspecto venerando, seu ar inspirado, assemelhava-se ao do infeliz Savonarole, em quem, diz Michelet, residia o espirito dos prophetas. «Afavel e cortez em seu tracto familiar, discutia raras vezes com «calma, e frequentemente com paixão.»

«A palavra», accrescenta o nosso eloquente amigo o sr. Conego Pinto de Campos, de Pernambuco, «A palavra pertencia a «Monte Alverne, como o marmore a Miguel Angelo, o colorido a «Rubens e a harmonia a Beethoven.»

Rematemos com outro escriptor do imperio: «Quando fallava «nunca precisou pedir attenção: impunha-a.»

Agora, que já a imagem se move, vive, pensa e falla, sigamos com um vôo a rapida ascenção que elevou este homem singular desde a obscuridade do berço até aos fastigios da celebridade.

Mal carecia de brazões hereditarios quem os podia crear de sobejo para si, e testal-os de grande estima se se não houvera obrigado a morrer sem descendencia. Os seus fastos nobiliarios abriu-os, encheu-os, cerrou-os elle.

De seus progenitores pouca luz alcançamos.

Era o pae João Antonio da Silveira, natural da ilha do Pico; d'alli se passára ao Brasil, e no Rio de Janeiro se casára com D. Anna Francisca da Conceição, da mesma cidade. D'este consorcio yeio á luz aos 9 de Agosto do anno de 1784 um menino predestinado a engrandecel-os com o lustre que o aguardava.

Pozeram-lhe por nome Francisco, por sobre-nome José, e por apellido Carvalho, anomalia que não achamos explicada, mas que em parte abona a presumpção de não ser das mais esclarecidas a sua linhagem.

Da sua infancia e primeiros estudos tão pouco rastiámos memoria; só o discurso é que nos assevera terem elles sido bons, sisudos e perserverados.

Não contava ainda mais dos dezasete annos, quando entrou

1 O sr. J. C. Fernandes Pinheiro.

para o convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, casa que, ao dizer de um fecundo e mui notavel escriptor brasileiro,¹ era por esses tempos o Atheneu do Brasil. Ahi recebeu o habito aos 28 de junho do anno de 1801 das mãos do Provincial, que então era fr. Antonio de Santa Berna do Monção. Foi estreiar ditosamente um seculo tão revolto.

A uma *vocação ardente e sincera* attribue o sr. Fernandes Pigneiro esta encarceração voluntaria de tão brilhante espirito na primavera de sua vida. Muito nas boas horas seja assim; os enthusiasmos d'essa louquinha e bemdita idade dão para tudo: para os tumultos do mundo, como para os extases do claustro.

Se já tanta vez os desconchegos da pobreza, e as ameaças do futuro, a dôr de uma perda grande e até um affecto malogrado ou mal correspondido foram reclamos para os ermos; se por elles se apertaram laços d'estes, que, por mais que depois magoem, se não desatam, pouco duro se faz de crer, mesmo a nós outros, filhos de uma era carnal e descrente, que um mancebo gentil e prendado, como bem podemos suppor o nosso, mas ainda não eivado dos vicios, nem affeito ás delicias do povoado sentisse accender-se-lhe a phantasia poetica pela parte que se volta e olha fito para as alturas.

A historia da religião vae cheia e ufana de exemplos semelhantes. Desde os dias em que o nascente christianismo tinha por capitolio as catacumbas, as arenas por certames olympicos, e os cadafalsos por carros de triumpho, ainda até hoje não deixou de haver, mesmo no sexo mais fraco, mais leve, e mais tallhado para as branduras, bandos e bandos de corações alados, que se arrancam do valle, e, como a pomba d'entre as labaredas da apothese, contrastam, annullam o natural pendor para a terra, e se não contentam com menos vôo que para o empiro. Se os mundanos se riem d'elles, choram elles sobre os mundanos, e não acabam de entender como essas turbas sempre descontentes os hajam por desditosos.

Em Francisco porém, podiam outros impulsos ter concorrido com os da fé, para a façanha de tantas e tão agras renuncições perpetuas 'num só dia e á mesma hora.

Uma paixão, temporal, sim, mas d'entre todas as temporaes a mais nobre, a mais preciosa, a mais fecunda, a mais etherea, e a mais parecida, se é licito dizel-o, com a propria devoção, é a sêde da gloria.

Notai como até o nome de gloria o foi a ambição humana to-

1 O sr. Araujo Porto Alegre.

mar á bemaventurança d'além mundo, para doirar com elle a celebridade cá de baixo!

O que idolatra a fama, por sentir ou cuidar que sente em si com que a grangeie, não duvida immolar ás delicias de a conseguir, á esperanza mesmo de só lhe plantarem um loiro no sepulchro, o descanso, os prazeres, a convivencia, os negocios, as riquezas, as honras, a saude, a vida, quantas vezes até a alma! Para ser um dia conhecido de todos, sepulta-se este sonhador de futuros onde ninguem o veja; é, (perdoem-me os santos) o eremita da vaidade.

Para salvar uma duzia de lettras, que são apenas o seu nome como se o seu nome fôra elle, súa, envelhece, mata-se a laval-as 'numa pedra que elle não ha de ver. Esta paixão do renome, esta doença d'almas privilegiadas, esta chimera que a philosophia deve respeitar, como origem d'altos bens, era manifesta, imperiosa, indomavel no mancebo que estamos estudando.

Não o namorou do cenobio só a santidade; namorou-o, quasi tanto como ella, a certeza do remanso, do silencio e das sombras para meditar; dos livros e varões doutissimos, para o instruirem; de emulos, para lhe melhorarem os brios; e tudo isto por toda a vida, sem contingencias da fortuna, e premunido até contra as inconstancias da vontade.

Solemniissimo lance é na verdade, e rasgo de hombridade summa: quando, quaesquer que hajam sido os motivos, repulsão da terra, ou atracção do céo, um homem se agrilhôa victima a um altar, volta costas ao mundo, se amortalha por sua mão, desce por seu pé ao sepulchro, canta as proprias exequias, e, para que nada seu lhe fique sobrevivendo, nem o nome, com que se creou, conserva no epithaphio; toma dos fastos da igreja um novo, que só o aparente com o céo, onde tem fitos os olhos e o coração.

Francisco José de Carvalho é já Fr. Francisco de Monte Alverne.

D'onde lhe viria o estranho apellido? Dil-o-hei aos não versados nas piedosas lendas tão poeticas da igreja.

'Num monte da Toscana, chamado Alverne, aliás dos Anjos, contam haver recebido o seraphico patriarcha a mercê de participar das chagas do Redemptor.

Não vos pesará ouvir o como falla d'isto o nesso mesmo orador 'num dos seus panegyricos dos stygmas do seu venerando fundador, de quem elle com desvanecimento se chama e se mostra filho:

«O cume do Alverne está cercado da magestade de Deos. J. C. rasga as nuvens equilibrado nas azas de um Seraphim. O novo Moysés ouve o Senhor que o chama, e se precipita sobre a çarça mysteriosa. Eil-os ali que se abraçam, que se apertam, estes dois amigos, que se buscavam com tanta anciedade!..... Eil-os ali que juram uma alliança eterna; que se dão, e recebem mutuos penhores de apreço!... O Patriarcha de Bethel está ferido; mas elle não terminará sua lucta com o Senhor, sem que receba o mais claro indicio de sua victoria. Francisco cede ao impeto d'esta extraordinaria contenda; mas o Todo Poderoso deixou em suas mãos, em seus pés e em seu mesmo lado os caracteres mais sensiveis do seu contacto maravilhoso. Oh! graça, oh! prerogativa, oh! privilegio, que transcendes toda a graça, toda a prerogativa e todo o privilegio! Oh prodigio que deixas em esquecimento todos os prodigios!»

Oiçamol-o outra vez e mais eloquente 'noutro sermão do mesmo assumpto.

«O chefe da nova milícia tinha desaparecido no meio dos asperos rochedos do Apenino. Francisco estava occulto havia quarenta dias nas grutas inacessiveis do Alverne. O novo Moysés se conservava no alto do Sinay, em quanto seus discipulos mais fieis que os Israelitas, esperavam tranquillos a volta do homem extraordinario, com quem estava identificado todo o seu porvir. O Alverne apparece abrilhantado com um esplendor que se estende ás sumidades visinhas. A presença do Senhor não é annunciada, como outr'ora no Synai, com trovões e relampagos; o som da trombeta celeste não dá a conhecer que o Eterno conversa com Moysés; mas o novo Horeb parece inflammado. Qual será o motivo de tão estranha maravilha? O conductor das tribus santas, aguerrido nas pelejas da cruz, receberá uma nova missão, que leve o nome do Senhor aos ultimos limites da terra? A cruz já tinha brilhado na tenda do Sultão do Egypto. Os muros de Damietta, as margens do Nilo foram testemunhas da intrepidez do apostolo da Italia. Francisco tinha já cercado a cidade eterna com tres ordens de muralhas. No alto das mesquitas fluctuavam os pendões arvorados por seus filhos. O novo Elias terá subido a algum carro ardente para ir aguardar no Paraiso o praso em que deve combater os impios mais temerosos? Eu subirei ao Alverne; eu irei ver de perto esta visão prodigiosa.

«Francisco está lançado por terra, e banhado em seu proprio sangue. Está reconhecido, que o novo Jacob havia luctado com o Senhor; manifesta em seu corpo os signaes admiraveis do

«seu mysterioso combate. Não se póde já disputar a gloria de «Abraham; elle deixa ver em sua mesma carne o sello d'esta aliança, que lhe promettéra a mais numerosa posteridade. As «mãos e os pés de Francisco não só estão feridos, e traspassados, mas vê-se que existem cravos formados dos mesmos nervos. Descobre-se facilmente, que estes cravos são negros; como «o ferro; duros, solidos, e tão compridos, que, depois de atravessarem as mãos, e os pés, mostram suas pontas voltadas, e «como rebatidas. Distinguem-se as cabeças redondas dos cravos «na parte anterior das mãos, e no lado superior dos pés; e para «cumulo de singularidade estes mesmos cravos apresentam-se «corpos separados da carne, que se podem mover, mas que é «impossivel arrancar. O lado de Francisco apresenta uma larga «ferida, como se fôra aberto com uma lança. Cruz de Jesu Christo, vós triumphastes! Pobreza, abnegação, jejuns, macerações, «vós sois as perolas mais preciosas do diadema, que cinge a testa «dos grandes homens da religião!

«Do cume do Alverne o novo propheta viu os acampamentos «d'Israel; observou a ordem de sua marcha; e na alegria do seu «coração considerou milhões de filhos, que reproduziam as lides «evangelicas, e faziam prosperar a sementeira do grande pae «de familias. Do alto dos Apeninos o novo legislador reconheceu «a belleza, e fertilidade da terra, que o Senhor doára a seus filhos; e mais venturoso que o triumphador do mar vermelho, «póde contar, que elle mesmo iria estabelecer o povo que libertára, na posse de sua herança. O celebre fundador de tres ordens religiosas sellou com suas chagas o novo codigo, destinado «a perpetuar na igreja intrepididos zeladores de seus direitos, homens cheios do espirito dobrado de Elias, para fulminar os poderosos com o peso dos flagellos de Deus, e annunciar aos simples as verdades consoladoras da religião.»

Por estas palavras suas se está vendo, não só a sinceridade da sua crença, uma das feições proeminentes do seu character mas tambem o seu apego cordeal á espinhosa vida que abraçára.

Cabe entretanto advertir desde já, que no meio do tão proverbial solipsismo e intrincheiramento monastico, tres affectos mundanos conviveram sempre em Monte-Alverne com os da piedade; e até por elles se lhe acrisolariam: o amor da familia, o amor da patria, o amor da humanidade. Foi frade, sem deixar de ser filho; foi frade, sem deixar de ser cidadão; foi frade, sem deixar de ser homem. Antes o filho, o cidadão e o homem ficaram resplandecendo mais, transfigurados misticamente no cenobita.

«Salve ó patria minha» Exclama elle no panegyrico de S. Se-

bastião prégado no Rio de Janeiro «Salve patria minha, ó terra
 «de minha mãe, ó paiz em que descansam os ossos veneraveis
 «de meu pae! São passados duzentos e sessenta e quatro annos,
 «que teus bravos filhos proclamaram no meio dos mais ardentes
 «applausos a intervenção do homem extraordinario, que reani-
 «mando o valor dos nossos batalhões, afugentou de nossas praias,
 «esses feros oppressores, que pretendiam lançar sobre nossos pul-
 «sos o cadeado infame da escravidão e do opprobrio. Cingida
 «de gloria, cercada de illustrações, tu justificas da maneira mais
 «completa, que a sorte dos povos está confiada a uma providen-
 «cia, que zomba das paixões, e illude a politica dos homens. Tu
 «serás grande; tu serás venturosa. Assim está escripto; assim
 «está decretado!»

Escutemol-o outra vez, no pulpito da cidade de São Paulo.

É o dia 19 de junho de 1819. O orador falla ao regimento de *Uleis reaes* ao entregarem-se-lhe as bandeiras.

Dá a lembrar o vehemente e suave Massillon orando ao regi-
 mento de Catinat por occasião da benção solemne dos seus es-
 tandartes.

«Defensores da patria, não é com idéas de matança, de sangue,
 «e furor, que eu vos devo entreter 'neste dia tão solemne, e tão
 «grandioso para vós. Eu não vou guiar-vos ao campo da bata-
 «lha; nem vos convido a pisar com indifferença cadaveres pal-
 «pitantes. Se eu fallasse a legiões asiaticas; se declamasse no cam-
 «po d'um grão-visir, ou no meio de esquadrões tartaros; a grita,
 «a vingança, a raiva encantariam minha imaginação. Eu procura-
 «ria suffocar no homem o amor do homem: a voz da humani-
 «dade seria em meus ouvidos um brado inutil. Soldados, vossas
 «obrigações vão ser patentes. Possa o paiz, testemunha de vossa
 «dedicação, reconhecer tambem o meu amor á patria, e minha
 «lealdade ao soberano! Educado no interior dos claustros, nu-
 «trido á sombra das pacificas oliveiras, deverei dar lições de co-
 «ragem a homens formados para zombar dos perigos, e assigna-
 «lar-se no meio dos acasos? Eu não venho ensinar manobras mi-
 «litares. Não subirei comvosco á trincheira, ao baluarte; não des-
 «cerei á mina, ao fosso. Differente d'esse philosopho, que ousou
 «prescrutar os segredos da arte da guerra diante do destruidor
 «de Sagunto, eu não presumirei de mestre dos generaes. Mas os
 «deveres d'um soldado estarão somente ao alcance dos que seguem
 «a profissão das armas? Será improprio de um sacerdote da re-
 «conciliação apertar a espada nas mãos dos vingadores da jus-
 «tiça, da honra, e da felicidade publica? Ministro do Deus dos
 «exercitos, d'um Deus, que attenta aos nossos votos; d'este Deus,

«que reanimou os filhos d'Israel, para humilhar os robustos de Moab, os guerreiros de Madian, e de Jericó; que conduziu nossos batalhões invencíveis ao coração d'Asia, além do féro Adamastor; eu me contentarei com exigir de vós o desempenho do juramento, que acabaes de prestar á face de vossas bandeiras. Eu vos direi, que tendes contraído a divida mais importante, e que todos os olhos estão fixados em vós.»

¿Não descubris em tudo isto o sublime e santo amor á terra patria? a este grande, a este nobilissimo Portugal, d'aquem e d'além mar? Sentimento indelevel em qualquer homem, porém a que parece dar novos realces aquelle sol americano, que tudo escandece, tudo anima, tudo agigantêa, e até, das que não passam de ervinhas 'noutras regiões, levanta colossos vegetaes, converte lodo em oiro, e arêas em diamantes!

Assim pois o franciscano, lá do seu conventinho no alto da colina, abraçava ainda com a sensibilidade toda a sua duplice patria: a que além do oceano o rodeava, e a que de longe, de um canto occidental da velha Europa, lhe ria á imaginação com resplendores historicos milanarios.

Comprazia-se o fantasma visitando povos de que havia sido particula, e forcejava ainda por ajudal-os: com o fervor das orações; com o entusiasmo da palavra.

É porque, por mais profundo que seja o ermo religioso, sempre as suas raizes estão no povoado; sempre de lá lhe chegam virações, purificadas pela distancia; lhe vão eccos pelo seu longinquo mais saudosos.

Os destinos do torrão commum, commum aos vivos que o senhoreiam, aos mortos que o possuiram, e aos semi-vivos que foram suspender o seu ninho entre terra e céo, são ainda parte do tesoiro d'estes ultimos.

No galião que atravessa os mares, os passarinhos inclausurados na gaiola pendurada ao mastro, parecendo cantar com indifferença, em quanto a manobra faz correr e lidar a tripulação, seguem com a alegria e com sustos, já esvoaçando-se, e já quedos e ditosos, os fados incertos e cambiantes do alteroso lenho, a que elles, como os heroes, levam confiada a existencia.

(Continuar-se-ha.)

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

A SINA DE FAMILIA

De semblables récits peuvent nous faire sourire, nous qui les lisons dans de vieux livres, écrits pour des hommes d'un autre âge; mais au temps passé, quand ces légendes circulaient de bouche en bouche comme l'expression vivante et poétique des sentiments et de la foi populaires, on devenait pensif et l'on pleurait en les entendant raconter.

AUGOSTIN THIERRY. *Récits des temps mérovingiens.*

I

Vou contar-lhes um conto, d'estes que lembram nas longas e regeladas noites de inverno, principalmente se nos achamos na provincia, quando as lufadas impetuosas do nordeste assoviam lá fóra e açoitam as portas e janellas com a geada desapegada dos visos da serrania proxima, e o frio nos convida a assentarmos-nos uns contra os outros, em folgasão e cordial conchêgo, em roda de um bom brazido, animados todos da sincera e dôce intimidade que tão pouco vulgar é já hoje em quasi todos os logares, onde tem penetrado a existencia convencional e hypocrita das capitaes.

Não julguem que vou agora aqui fazer-lhes a apologia da vida provinciana, com a ingenuidade e até fervoroso entusiasmo com que o nosso suavissimo Bernardes falla nas suas eglogas da incuidosa vida aldeã. Não julguem isso. O meu intento é só lembrar o ensejo e o local adequados para o meu conto, porque ha certas coisas que para serem saboreadas ou comprehendidas, carecem de um especial quadro de circumstancias, como as plantas exoticas, que fóra das suas condições climatericas, não vegetam nem infloram, e ainda menos fructificam.

Ide a um salão dourado da capital fallar n'um conto de bruxas

ou de defunctos, que todos se rirão de vós pela simpleza da vossa narração. Mas ide tambem cantar uma aria de Verdi, com toda a intimativa da sua accentuação melodramatica, ao humilde e socegado alvergue de qualquer aldéa, e vereis como a zombaria vos acolhe.

Por isso tudo tem a sua hora e o seu local, porque tudo conta igualmente a sua influencia e a sua impressão.

E a rasão é simples. A rasão é porque ha sitios, climas, estações, horas e circumstancias exteriores de tal modo em harmonia com varias impressões do coração, que a natureza parece constituir parte da alma e a alma da natureza, e se tentardes separar a scena do drama, ou o drama da scena, o scenario desmaia e o sentimento desvanece-se.

É por isto que eu me lembrei das arrastadas, mas ao mesmo tempo divertidas noites de inverno, passadas no tranquillo conchego domestico da provincia, para vos contar esta minha historia, porque ella é singela e crédula, e lá unicamente lembram estas narrativas, e só lá servem de preocupação e intertenimento aos espiritos, que, scismando em frente dos muros derrocados do cemiterio da aldéa, entretidos com o zumbido do moinho que veleja de noite na comiada da serra como um fantasma a deshoras, ou dilatando-se em suave esparecimento pelas praderias relvosas que vestem o recosto das collinas, não podem recrear-se senão com estes quadros de alpestre e supersticiosa combinação que os rodeiam, os quaes lhes inspiram sempre estes mesmos pensamentos de simple e rustica poesia, e os tornam alheios a outras quaesquer impressões que não sejam as conhecidas e celebradas na sua aldéa.

Sabida já a natureza do conto, e conhecida a hora e o logar onde importa que seja feita a narração, vamos ao comêço. Eu quizera ainda dizer-lhes alguma coisa da authenticidade dos testemunhos que me asseguraram os acontecimentos que vão referir-se, mas não o faço, porque tenho receio de que se riam. Deixo isso entregue á boa-fé dos leitores.

II

Estamos n'uma tarde de julho do anno de 1812.

Este anno e mez são notaveis, porque foi por estes tempos que se viram succeder alguns dos mais tremendos e decisivos conflictos da guerra peninsular.

O assalto e tomada de Badajoz formaram um dos feitos, que recommendam esta éra á memoria dos amantes das nossas glorias militares e da independencia da Peninsula.

Era, pois, ao cair da tarde de um dos dias que precederam de perto a queda da praça hespanhola.

O sol acabava de esconder-se por detraz dos ultimos pincaros do Gerez, mas a claridade afogueada que ainda innundava aquella parte do horisonte, reflectindo-se nos topes dos serros envoltos de neve, destacava d'elles mil jogos prismaticos de luz, que davam um tom phantastico ao quadro que se desenrolava á vista.

A meio da cordilheira, sobre duas penedias alpestres e erguidas, que se talhavam a pique e fronteiras uma á outra, como dois gigantes informes, que corressem a estreitar-se n'uma lucta tremenda de braço a braço, via-se passar a ponte do rio Caldo, quasi tão famosa n'aquelles sitios como a Ponte-do-Diabo na Suissa, porque a sua historia tem corrido cheia de tradicções e desastres, que a povoam de mil terrores.

O viajante jámais a atravessa que se não sinta ameaçado da terrivel vertigem que, muitas vezes, o despenha no mais fundo da voragem, como attraído de uma irresistivel e mysteriosa fascinação. A sua immensa altura, as aguas do rio que se revolvem gemendo soturnas lá no mais escuro e entranhado das cavidades subterraneas, contribuem para que este sitio seja olhado até com pavor pelos camponezes, os quaes, ainda mesmo passando de longe, o apontam receiosos e persignando-se.

A dois tiros de espingarda da ponte, afogadas entre penhascos e pinheiraeas, e como dependuradas pelas abas da serra abaixo, alvejam as cazinhas de uma pequena aldéa; e não distante, n'uma assomada que descobre ao largo para o poente, via-se um cazal, que, pela apparencia, parecia ser do mais abastado lavrador do sitio

Este cazal está ensombreado de álamos e amoreiras, e duas alas de acacias descem até á beira da collina, onde se vé um banco rustico de pedra.

Assentada n'esse banco, affagando um valente rafeiro, estava uma donzella de desaseis ou dezoito annos, trigueira, de olhos vivos e penetrantes, e em cujo semblante sorria a expressão suave e pura d'essa ingenuidade que é tão pouco commum nas creaturas do sexo feminino das cidades, e que, quando é verdadeira, brilha na mulher com o esplendor da sua candidez.

Uma inquietação interior a preocupava e se manifestava em todos os seus gestos. Ora se erguia do banco, ora corria para a extremidade da arromada, ora estendia a vista para o lado por onde se via correr a estrada, ora volvia ao seu pouso e continuava a affagar o cão, seu companheiro.

Este, pelo seu lado, espetando as orelhas e acoitando as ancas

com a cauda, parecia partilhar das mesmas inquietações e esperanças que traziam tão alheia de si a sua dona.

A tarde estava amena, como são sempre as nossas tardes de junho. Apenas uma viração tepida vinha susurrar ligeiramente por entre a copa das acacias. Dos pinheiraes fronteiros desciam já as sombras carregadas da noite. A cinta afogueada que cingia o horizonte por detraz dos serros pardos, que se avistavam ao largo, começava a desvanecer-se.

Na baixa da collina viam-se umas poucas de raparigas, que andavam á ceifa, largarem já o trabalho, e caminharem pêlas leiras fóra, com molhos de erva á cabeça. Uma d'ellas ia entoando uma cantiga. A estas horas, e quando o coração se nos aperta de alguma dolorosa recordação do passado, tem uma suave tristeza este cantar dos campos. Aquellas tintas melancolicas de que os comêços indecisos da noite vestem os serros e os arvoredos, parecem que vem tambem tingir-nos a imaginação de côres lugubres. É um formoso quadro de poesia e saudade esta despedida do dia.

E a donzella do cazal sentia-o e comprehendia-o de certo, por que, depois de uma viva inquietação, assentou-se, abatida de funda melancolia, com os olhos pregados no fim da estrada.

— Não ha que esperar. Ainda hoje não verás o teu dono, meu *Arrogante!* — exclamava ella acariciando o cão. Já hontem devia chegar, e nem hontem nem hoje! Vae para meia hora que o sol desapareceu além da terra, a noite não tarda, e nem sequer um signal! Quem sabe se o regimento tomaria por outra estrada?! Não pôde ser. O caminho é este. É por que não vem.

E uma inflexão de profunda melancolia avivou esta ultima phrase do soliloquio da donzella.

De repente, *Arrogante* ergue-se, empina-se nas patas dianteiras, dilata as orelhas, fita os olhos faiscantes em sua dona, e desata a ladrar.

Um som estranho tinha despertado o animal: era uma musica marcial, que á maneira de uns éccos perdidos e vibrando ao longe, começava de se ouvir ainda mal distincta.

— Ah! musica! musica! — brada a pobre menina louca de alegria. — É elle! Agora é de certo. Ainda tu o sentiste primeiro que eu! — continua ella, pondo a mão na cabeça do animal e largando depois a correr pela encosta abaixo.

Arrogante, pulando veloz como um gamo, seguia-a de perto, sempre a ladrar.

A musica, que a principio feríra apenas o ouvido presentido do animal, foi pouco a pouco aproximando-se e distinguindo-se.

As quebradas da serrania responderam áquelles sons festivos, reproduzindo-os em mil éccos. Passado um quarto de hora, já não era uma toada indistincta e escura que interrompesse o silencio dos valles, era uma marcha guerreira que se ouvia claramente e que accendia o animo dos que a escutavam.

Um regimento passava effectivamente a pouca distancia da aldéa, ao longo da estrada, cortada na baixa da serra.

A camponeza já a não podia distinguir, por que a noite cerrára de todo, mas a sua alma dizia-lhe melhor que os proprios olhos tudo o que ella não podia vér. N'aquelle vulto negro e compacto, que apenas se enxergava ao longe, como uma massa informe, tomando a estrada de lado a lado, havia tambem um coração que palpitava de esperança, anciedade e amor. Um presentimento lh'o dizia, e os presentimentos nos amantes são prognosticos que não enganam.

III

A este tempo a musica já se não ouvia. O regimento descêra o dorso da collina fronteira para o outro lado da aldéa.

A noite havia cerrado de todo.

O silencio e a escuridão envolveram tudo n'um manto de trevas.

Mas a donzella continuava a olhar para a baixa da serra, sem pestanejar, apertando a cabeça de *Arrogante* de encontro ao joelho.

Ao cabo de meia hora, um ruido saiu da deveza que serpeava pela encosta: alguém trepava pelas abas da serra. Luiza soltou um grito. Ella vira scintillar o cano de uma espingarda.

Effectivamente, um militar, completamente armado, surdiu de entre o recosto de matagaes que vestiam a serra, e appareceu no cimo da deveza.

Ao vél-o, a pobre menina, no alvoroço da alegria, correu para elle, e o rafeiro saltou-lhe ás pernas, ganindo e lambendo-o.

— Oh! meu Raphael!... és tu!

— Sim, minha Luiza.

— Já não contava vér-te

— E porquê?... Por ventura não te escrevi que o meu regimento passava por força perto da nossa aldéa, e que então te veria?

— E quem sabe se pela ultima vez!...

— Porque me fallas assim, Luiza?... tão triste!...

— Porque te fallo?... Sabes tu lá se morrerás n'esse terrivel combate?... Não váe o teu regimento reunir-se ás tropas que cercam Badajoz?

— Váe; e dentro em quatro dias ou a praça será tomada de escalada, ou nós derrotados.

— E ainda me perguntas porque me vês triste?!

— Pergunto, sim. Deixa lá esses pensamentos ruins. Nem todos havemos de morrer. Verdade é que ha um rifão militar que diz que a sorte da guerra é tão vária como o coração das mulheres. Mas elle mentiu-me em quanto ás mulheres, porque tu és sempre a minha querida Luiza, e por isso tambem ha de mentir-me a respeito d'esse teu mofino presentimento.

— Não é presentimento, é mais do que isso.

— Mais do que isso?... Tu estás louca?

— Não estou, Raphael... Sonhei...

— Sonhaste? Então que sonhaste?

— Sonhei que era a ultima vez que nos viamos. E não foi só o meu sonho que m'o disse, disse-m'o a sorte.

— Aposto que foste ter com a maldita e carcovada velha... com a tia Brites da *Charneca*, que vive lá n'esse pardieiro em tracto maldito com o démo?

— Fui, sim; e então que tem? Não foi ella que me predisse tão certo o teu amor, e tudo que depois aconteceu? Não foi ella?... oh! ainda me lembra... fez agora um anno pelo S. João... quando tu me déste aquella alcachofra, que tu mesmo acabavas de queimar, e me apertaste tanto a mão, ella a tia Brites, a *bruxa da Charneca*, como vocês lhe chamam, estava sentada no adro do erimiterio, e de lá mesmo, atravez d'aquelle reboliço de danças e descantes com que festejamos o S. João, viu tudo... olha, viu tudo, Raphael!...

— Podéra não, se ella é bruxa! — resmungou por entre os dentes o militar, mas d'esta vez preocupado e taciturno.

— E sabes o que ella me disse n'essa noite?

— Eu não.

— Ainda tenho na memoria as suas palavras, aquellas palavras que são para mim como um agoiro que ha de realizar-se. O sino da aldéa tinha dado uma hora: poucos rapazes e raparigas dançavam já ao clarão das fogueiras. Eu ia para descer a lombada da serra, a distancia alguns passos de minha mãe, quando a tia Brites me surde detraz do *vallado dos tres pinheiros*. Eu não a esperava, e fiquei tomada de susto: e ella pegou-me na mão e disse-me: — «Para que recebestes aquella alcachofra, desgraçada? Até aqui era só um o infeliz, agora são dois! — Que diz, tia Brites? exclamei eu, toda tremula de medo, vendo brilhar os olhos da velha como duas brazas. Não a intendo. — Vem comigo, que eu te explico. — E, sem me deixar nem sequer tornar a mim do

medo que a sua presença me pozera, puxou-me para a quebrada da serra e ahi, junto a uma fogueira mortíça, que apenas deitava uns clarões pallidos que tornavam ainda mais repugnantes as suas feições lividas e arrugadas, me disse o seguinte: — Dá cá a tua mão e olha para mim sem pestanejar. — Eu ia para gritar, mas ella pôz-me a mão na bocca. Senti os labios gelados como se fóra a mão da morte. — Silencio e escuta! clama a negrada velha, e estendeu a mão direita para a fogueira, a qual a este acéno diabolico ergueu chammas a mais de duas varas de altura e começou a estourar que nem que fóra de pinhas bravas. Aquella mão tinha de certo o poder de Satanaz! — Escuta! continuou ella. Pertences a uma familia que tem consigo uma sina, que poder algum no mundo póde quebrar. Todas as raparigas da tua familia morrem aos desoito annos, e esta sina contende tambem com os homens que ellas escolhem para maridos. Tu, infeliz, já tens os dias contados! Não te falta muito para cumprires a tua irrevogavel sorte! De hoje a dois annos, quando voltar a noite de S. João, já tu não dançarás aqui, á luz das fogueiras, alegre e folgasã, rodeada dos rapazes d'estes sitios, não! Já dormirás ali, no cemiterio da aldéa, á sombra d'aquellas arvores que além negrejam! E para que acceitaste tu essa alcachofra, se ella é como o pacto de um amor funesto? Essa alcachofra não refflorirá, por que quer dizer morte para ambos. A vossa sina é negra como o carvão em que o fogo a tornou. E és tu que o matas, a elle, a esse Raphael que amas, porque consentes que se ligue a ti pelos laços do coração! — N'isto, a velha desapareceu, e eu caí sem falla. O resto sabes tu, que acudiste com minha mãe em demanda de mim, e me encontraste desmaiada e estendida quasi sobre as cinzas da fogueira!...

— Bem me lembra!... Mas para que é estares agora tu a recordar essas coisas, que não podem ser senão um brinquêdo daquella bruxa infernal?... dessa desalmada tia Brites, que é maldita de nós, e que esteve já a ponto de a mandarem d'aqui para fóra pelos enredos e feitiços que fazia.

— Mas a verdade é que minha tia Ursula morreu de 18 annos e já á irmã da mãe d'ella aconteceu o mesmo. O triste fim de minha mãe conhecel-o tu tão bem como eu. Até a minha pobre prima Emilia não escapou d'esta sina que nos persegue!

— E o morgado da Granja, que estava ajustado a casar com ella, tambem falleceu na noite seguinte, arrebrandando de um cavallo abaixo! — acudiu Raphael.

— Ah! tu não acreditas e ajudas-me a memoria!... Oh! Ra-

phael, presinto uma grande desgraça, que o meu sonho certificou mais e que a tia Brites hontem me repetiu de novo!

Raphael tinha encostado a espingarda a um castanheiro, e havia-se assentado n'um monte de pedras. Com os cotovellos firmados nos joelhos e o rosto escondido nas mãos, o bom do rapaz lidava por affastar a nuvem negra de apprehensões que lhe escurecia o animo, apprehensões que o seu espirito fino rebatia, mas que as tendencias supersticiosas do caracter provinciano não podiam deixar de arraigar-lhe n'alma.

Arrogante, como identificado com esta scena muda, em que a superstição d'aquellas duas almas credulas aggravava mais o affecto que as resumia n'um só pensar e existir, olhava ora para o militar, ora para sua dona, buscando na expressão do semblante dos dois, motivo de alegria ou de desprazer.

— Tambem estás a ruminar... Raphael!... disse por fim Luiza, chegando-se ao mancebo e pondo-lhe a mão sobre o hombro.

Raphael olhou para ella fito e depois, erguendo-se, tirou a barretina e passou a mão pela cabeça, como se quizesse sacudir as idéas lugubres que, a seu pesar, lhe tinham revoado pela imaginação.

— Não pensemos mais n'isto! — disse elle, a final. — Parece incrível que tenhamos levado o tempo a repetir contos de velhas ou creanças. Leve a breca essa feiticeira do diabo e as suas predicções, ainda mais diabolicas que ella. És sempre a mesma, minha pobre Luiza: sempre credula e timorata. Historias de bruxas, lobis-homens e aventesmas, nunca te ouvi contar d'outras coizas. Ainda me está lembrando quando uma noite fugiste da fonte, lá embaixo no esteval, por que tinhas visto um abejão.

— E então não era?

— Não; era um grande espantelho que o André *moleiro* tinha posto na vinha. O medo e a escuridão fizeram-te parecer que dois páus, com um farrapo branco pendurado, eram alguma alma do outro mundo.

— Não brinquemos, que o nosso caso é diferente.

— Deus me livre de brincar. Mas a verdade é, que eu vinha tão alegre para te ver, e tu, com esses teus malditos contos, pozeste-me aqui um peso, que me opprime o peito. E agora vou dizer-te os meus planos. Eu parto já d'aqui com o regimento, e dentro em pouco estaremos diante dos muros de Badajoz. Não sei o que me acontecerá. Se fôr coisa má, reza cá por mim. E ainda te queria pedir outra coisa, mas... não me atrevo.

— O que é?... dize.

— Era que não casasses....





Cristino, Desenhou e gr.

Reis, estampe.

FONTE DE STA. THEREZA, NO BUSSACO.

— E ainda tu m'ò recommendas! Eu sou tua na vida e na morte!

— *E na morte!* — repetiu, como se fosse um ecco, uma voz que não era a de nenhum d'elles, e cujo accento lugubre, rouco e cavo petrificou de terror os dous amantes.

Arrogante empinou-se, e, erriçando-se-lhe o pélllo, soltou um uivo agudo e prolongado, que accordou os eccos mais longiquos do Gerez.

— Que voz foi esta? — bradou o soldado, deitando mão da arma, n'um movimento instintivo.

— Não a conheceste?... replicou Luiza, com o rosto contrahido e gelado de pavor.

— Não!

— Conhecia-a eu!... É sempre a mesma, sinistra e aterradora, como n'aquella noite fatal!

— O quê?!... Será ainda essa infernal feiticeira lá da *charneca*? grita Raphael, com os olhos relampejando e dispondo-se a investir com o sitio donde parecia ter partido a ameaça.

— Não sei! — Mas attende. Sinto agora, mais que nunca, que a minha sina ha de cumprir-se! Tu vaes partir, tudo me assegura que uma grande fatalidade está para nos acontecer. Oh! Raphael, tenho o presentimento de que morro esta mesma noite!

— Que dizes, Luiza? estás louca!

— Não estou louca. Sinto-o aqui! — insiste a pobre rapariga, pondo a mão no peito, o qual lhe arfava angustioso. — Mas, seja assim ou não, faço-te um juramento.

— Que juramento? — interrogã o mancebo, quasi tremendo de saber o que se passava n'aquella imaginação incendida e exaltada por todos os preconceitos de superstição.

— Prometto... juro!... que irei despedir-me de ti, seja onde quer que for, ainda que para isso tenha de quebrar o silencio da sepultura!

— Luiza!... o que dizes?!

— Faço um juramento!

N'este momento, a attitude da donzella era sublime de singeleza. Parecia uma visão das que nos pintam as lendas do Norte. Com os olhos inundados de lagrimas e o semblante allumiado da luz de uma tristeza angelica, Luiza pegava na mão do militar e chegava-a ao coração. Este ajoelhára, como obedecendo ao impulso de um poder sobrenatural.

N'isto o som compassado e triste do sino da aldéa fez ouvir dez horas. Raphael ergueu-se de repente.

— Já dez horas!... Que ha de ser de mim?!

— Porquê?... replica Luiza, sabindo da especie de extasi que a dominava.

— Porque a estas horas marchou já o regimento. Descansava apenas uma hora; são dez, já tem duas ou tres de boa marcha.

— E agora?

— Agora, o remedio é correr até lhe ganhar a dianteira que me leva. Adeus, Luiza!

— Adeus, Raphael! Não te esqueça o meu juramento.

— Não me falles mais n'isso. Essas idéas depressa se dissipam. Na minha volta de Badajoz, espero encontrar-te mais alegre e divertida.

— Raphael... torno a repetir-te... lembra-te do meu juramento!

O mancebo não teve já palavras para combater esta insistencia, que a donzella expressava com a certeza de um facto que se vê realisar.

Raphael poz a arma ao hombro, abaixou a cabeça e partiu.

Luiza, encostada a um pinheiro, seguiu-o com a vista, em quanto a escuridão lh'o permittiu.

IV

O regimento de Raphael tinha effectivamente marchado. Quando o nosso militar chegou á planicie, havia perto de duas horas que as proprias bagagens tinham partido. Mas ficára uma escolta de alguns soldados e um furriel, encarregados de conduzir as rações que se estavam preparando nas aldéas proximas. Raphael era sargento, e foi com prazer que soube que o seu capitão, o qual o protegia, desconfiando do motivo da demora, lhe relevára a falta, deixando-lhe ordem para que tomasse sobre si a diligencia do fornecimento e conducção das rações.

O furriel, porém, vendo que elle tardava em apparecer, já havia procurado cumprir as ordens do capitão.

Estava, pois, tudo já encommendado, mas as rações não se poderam apromptar n'essa noite, e Raphael e os seus camaradas tiveram que pernoitar n'uma aldéa visinha do rio Cavado, e foi só no dia seguinte, ao sol posto, que marcharam.

Raphael, ao partir, ainda desejou tornar a ver Luiza. A despedida da donzella, a sua historia tão cheia de presentimentos, e como que enluctada de uma melancolia fatidica, tinham-lhe povoado tambem a elle a imaginação de imagens vagas e pavorosas.

Toda a noite passára em sobresaltos e com o animo turbado de sonhos confusos, semelhantes ás visões que nos apparecem no

delirio de uma febre ardente. Via mil aparições estranhas, de formas de mulher, mas de catadura horrenda, de feições lividas, fuzilando-lhes os olhos como carbunculos, com um sorriso satânico nos labios, as quaes o arrebatavam por desfiladeiros, o arrastavam por estevas e o atiravam a um brejo fetido e negro, dançando-lhe depois em roda, fazendo-lhe esgares medonhos, e soltando gargalhadas esganiçadas. Do meio de todos estes entes repugnantes, que lhe voavam na imaginação como uma dança diabolica, apparecia-lhe a terrivel velha da charneca, a tia Brites, a qual lhe apontava com a sua mão escarnada e com um sorriso sarcástico e infernal, para um vulto de mulher, alvejante e formoso, que com uma expressão vaga de tristeza e ternura olhava para elle, como um anjo descido das regiões celestias a tiral-o do poder d'aquellas visões mysteriosas. De repente, acordava e não via nada. Noentanto as tendencias supersticiosas do character provinciano não podiam deixar de dominar-lhe o espirito, e, por mais esforços que fizesse, a lembrança do que passára com Luiza continuava a torturar-lhe a memoria.

Apesar d'isto, o mancebo, receioso da demora, preferiu marchar sem ver outra vez a amante.

A escolta tinha caminhado apenas meia hora, quando os carros que acompanhava se encravaram nos atoleiros da estrada, o que fez que se aguardasse o dia para seguir caminho.

Raphael, com os seus camaradas, disporam-se a ficar n'um logarejo, ainda nas abas da serra. Era uma especie de estalagem, onde corria fama que pernoitavam habitualmente contrabandistas hespanhoes.

O local concedido á escolta foi um casarão tão velho e maltratado do tempo, que se viam brilhar as estrellas pelas rachas das paredes.

A um canto, sobre um banco, estava uma lanterna mortica e que mais afeiava do que aclarava, pelos seus lampejos frouxos e intermittentes, aquelles quatro paredões esbroados e ennegrecidos, onde se projectavam, em sombras tremulas e phantasticas, as vigas que sustinham o telhado.

Raphael retirou-se para o extremo opposto em que se haviam deitado os seus camaradas.

O pobre rapaz não tinha somno. Por mais que lidasse, o juramento de Luiza não lhe fugia da lembrança. Havia um pensamento vago de tristeza que o atormentava, dando-lhe cores lugubres a todas as idéas e aos mais estranhos objectos que o rodeavam. Mas, porfim, o cansaço pôde mais n'elle; deixou de pensar e adormeceu.

V

Assim correram algumas horas, quando de repente se ouviu um rumor surdo. Parecia que alguém empurrára o portão com violencia, escancarando-o de par em par.

Raphael accordou sobresaltado, e a sua primeira idéa foi que os contrabandistas hespanhoes tinham assaltado a escolta. Mas a sua surpresa foi grande, quando, arredando a manta em que estava envolvido para ir tomar a espingarda que tinha arrumada ao muro proximo, viu uma figura branca de mulher que se aproximava, serena e imperturbavel, como se fosse um vapor, cujas ondulações a propria aragem respeitasse.

O mancebo sentiu coar-lhe o terror pela medula dos ossos. Os cabellos pozeram-se-lhe a pino, e bagas de suor gelado caíram-lhe a quatro e quatro pela testa abaixo. As mãos largaram a arma sem poderem com ella.

— Quem vem ahi?! — bradou elle por fim, custando a despegar-se-lhe a voz da garganta.

— Sou eu, Raphael... sou Luiza!... Não me conheces já? Prometti que viria despedir-me de ti, e vim... Venho cumprir o meu juramento!

E aquelle vulto de mulher de uma alvura que cegava, e que mais parecia uma visão a rarefazer-se nos ares do que um corpo humano a caminhar, dirigia-se sempre para Raphael.

— O quê?!... És tu, Luiza?!... Será possivel! Pois foi certo o teu presentimento?!

Mas as pernas faltaram-lhe e a voz prendeu-se nos labios. O infeliz rapaz caiu de joelhos, petrificado, inerte, insensato, sem lagrimas nos olhos para desafogar a sua angustia, nem uma palavra sequer nos labios para a poder exprimir. A dor tinha-o suffocado.

N'este momento, um raio da lua, penetrando pelas fendas do telhado, veio beijar aquelle rosto, que Raphael conheceu tão querido e tão seu.

Era o de Luiza.

Uma expressão de serenidade angelica, que realçava atravez da sua pallidez de marmore, sorria, ou antes lhe inundava o semblante da luz ineffavel que só parte do seio da bemaventurança, e resplende de todo o fulgor na face dos seus escolhidos.

Luiza olhou para o soldado, e, depois de o ter contemplado com uma ternura misturada de saudade, fez-lhe signal para que se erguesse e a acompanhasse.

Raphael ergueu-se, e, julgando tudo que via ainda um brinco dos sentidos ou o resultado da sua exaltação de animo, correu para aquella figura de mulher e tentou abraçal-a. Mas os braços não encontraram senão o ar; comtudo a visão permaneceu immovel e impassivel, como se fosse uma estatua de marmore. Então o terror de Raphael foi indizivel. Sentiu-se petrificado. Fugiu-lhe a luz dos olhos, e o gelo da morte correu-lhe todas as veias. Quiz fallar, mas os labios recusaram-se á menor articulação; tentou fugir, mas os pés estavam como pregados na terra.

Eram dois phantasmas, um em frente do outro.

— Vem comigo e respeita os segredos de Deus!

Foram as ultimas palavras de Luiza, que se affastou, acenando ao soldado para que a seguisse.

Raphael, mais arrastado por um poder sobrenatural do que levado por vontade propria, seguiu-a.

Safu o portal e caminhou apoz ella.

A noite já adiantada. Um vento gelado, em lufadas impetuosas, gemia pela quebrada da serra.

Era o unico rumor que perturbava a mudez solemne dos campos.

O mancebo seguiu pela subida da montanha, sempre atraz da visão. Porém o seu caminhar era como instinctivo, automatico, sem que tivesse consciencia do que fazia. Caminhava e caminhava sempre, mas constrangido, mas arrastado por aquella attracção mysteriosa a que fóra baldado resistir. E assim subiu o dorso da collina, e assim trepou a clareira que serpeia por entre as fragas da serrania, e assim chegou á ponte do rio Caldo.

Todavia, quando se viu n'esse sitio e conheceu que tinha de atravessar esta ponte a taes deshoras, impellido e rodeado de tantos mysterios, aquella ponte que figurava de uma maneira tão agoureira na imaginação credula dos camponezes d'aquelles contornos, quando chegou a este transe, Raphael venceu todo o poder estranho que o dominava e duvidou passar.

Para mais o apavorar, a scena que se desenrolava a seus olhos tinha o que quer que era de sinistro, phantastico e solemne.

A seus pés, lá no mais fundo do abysmo cavado nas entranhas da montanha, sussurravam as aguas do rio com um ruido rouco e lugubre. A lua, velada pelos nevoeiros da serra, reflectia uma claridade baça e melancolica sobre os pinaros mais elevados da cordilheira do Gerez, os quaes envolvidos no seu manto de neve secular, destacavam da escuridão do espaço, como se fossem um pelotão de phantasmas gigantes, que divagasse pelo horizonte.

Raphael, dominado pelo aspecto d'este quadro imponente, e que a sua phantasia exaltada mais exagerava, ainda parou. Mas a visão parou tambem, e olhou para elle e sorriu.

No seu olhar havia um como pesar indefinivel, que parecia dizer ao militar: — Tens medo, Raphael?... Tens medo da tua Luiza?

O mancebo não pôde resistir. Um novo gesto o decediu: venceu-se e passou a ponte.

Passada a ponte, a visão dirigiu-se á aldéa.

A porta da freguezia estava aberta de par em par; dentro havia luzes. Mas nem uma voz, nem um zumbido quebrava a muidez atterradora, que dizia reinar alli o silencio inquebrantavel dos sepulchros.

No meio da egreja via-se uma eça, e a um lado estava uma cova aberta.

O soldado recuou; olhou para traz, mas já não viu ninguém.

O phantasma tinha desaparecido. Um esforço supremo fel-o caminhar para o athaude e levantar-lhe a tampa.

Um frio mortal o tornou de pedra.

Era Luiza, era a escolhida do seu coração, que alli dormia o somno eterno. Nos seus labios, apesar de gelados pelo sópro da morte, como que brincava ainda aquelle sorriso candido e puro repassado de intima melancolia, que n'ella era como o adeus prematuro aos gózos da vida.

Raphael caíu sobre os degráus da eça.

Já não era uma visão o que via, era uma realidade.

Mas só permaneceu assim alguns instantes. Um movimento convulso o obrigou a levantar-se de subito.

Quem n'esta occasião o olhasse de perto, diria que dez annos de tormentos lhe haviam passado pelo semblante. Havia-se-lhe transmudado o aspecto, e desvairava e fallava só como tresloucado ou possesso.

De repente, correu ao caixão, abraçou com exaspêro o cadaver, e deu-lhe um beijo. Depois fugiu pela egreja fóra, galgou a serra e desapareceu.

D'ahi a pouco, um vulto de homem assomou na ponte; chegou-se para o lado do poente e arremessou-se ao seio do abysmo.

VI

Ninguém sabe ao certo quem fosse aquelle homem. Os pastores da serra, que o viram andar errante pelos desfiladeiros, affirmam ser o amante de Luiza. Mas o seu cadaver jámais appareceu.

A superstição popular conta, que elle jaz no fundo do precipicio, e que lá pelas horas mortas das noites estivas, quando a lua allumia mais esplendida os gélos do Gerez, apparece sobre a ponte uma donzella vestida de roupas cujo alvor cega, a qual pranteia largo espaço em queixas doloridas, queixas a que uns gemidos saídos dos seios da voragem respondem ainda mais pungidos e magoados.

XVII
 JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

XVIII
PAQUITA

Algoz como o sol e o mar
 Nunca se cansa e nunca muda
 Bichas e flores e a vida
 E a vida e a vida e a vida
 E a vida e a vida e a vida

XIX

Que um apelo de amor indico
 Em longo e magro olhar
 Que recebeu de prima e de prima
 O doce e o doce e o doce

XX

Escutar os lábios impudicos
 Que solta o eco no
 Que rolamos nos olhos
 Que esperavam por nos
 Aos olhos das aves innocentes
 Quando os olhos se abrem
 Doce o xistido da abelha
 Nas primicias palatas
 A melodia languida e distante
 Que das cordas de lyra
 Doce no avito e visto do son

ALGUNS FRAGMENTOS

DO SEGUNDO, TERCEIRO E QUARTO CANTO

DA

PAQUITA

CANTO SEGUNDO

XIII

Pepito balbuciou.... (não sei agora
Se disse alguma phrase intelligivel,
É provavel que não ; mas sei leitora
Que um aperto de mão impreceptivel,
Um longo e meigo olhar fôra a resposta
Que recebeu da prima encantadora.)

XIV

«É doce, entrando o lar no fim do dia,
Escutar os latidos impacientes
Que solta o cão fiel! Doce a alegria,
Que notamos nos olhos transparentes
Que esperavam por nós! Doce acordarmos
Aos canticos das aves innocentes!

XV

Doce, o zumbir da abelha ; a voz do infante
Nas primeiras palavras que profere ;
A melodia languida e distante
Que das cordas da lyra a mão desfere ;
Doce ao avaro a vista do seu oiro ;
Doce uma [preza ao marinheiro errante.

XVI

Doce uma herança, então principalmente,
Sendo de um tio, que por teima infinda
Promettia durar eternamente!
Porém mais doce do que tudo ainda,
É, leitor, o primeiro amor da vida
A primeira paixão seguramente!¹

XVII

Dil-o o grande poeta, e na verdade,
Não ha nada no mundo comparavel,
Ao que a alma sente, quando em certa idade
Se volve para nós o rosto affavel
Da primeira mulher que nós promette
N'um sorriso a ideal felicidade!

XVIII

Serena como a face da virtude,
Alegre como o sol da madrugada,
Suave como a nota do alaude,
Risonha como a rosa perfumada,
Era a vida dos dois, e é quasi sempre
A nossa ao despontar da juventude!

XIX

Dura pouco, o destino em certo dia,
Chega, fere, destroe com mão terrivel
As chimeras da leve fantasia!
E como um d'estes golpes é sensivel
Quando virgem ainda se alimenta
O coração dos sonhos da poesia!

CVI

Oh! pudor, onde habitas tu no mundo?
No seio virgem da gentil donzella,
De olhar sereno e rosto pudibundo?
Ou na rosa a mais fresca, a mais singella,
Quando toda rubor escuta os carmes
Da voz do rouxinol soudosa e bella?

CVII

Em ambas viverás; mas a mais pura
D'entre as virgens da terra, a mais formosa,

¹ Imitado de Byron.

A que tem a expressão de mais candura,
Quando chega uma hora venturosa
Espera os beijos do adorado amante
Como os beijos da brisa espera a rosa!

CVIII

E como é bella então! reluta ainda
O desejo e o dever n'aquelle seio:
Accende-lhe a paixão a face linda,
Estremece de gosto e de receio,
Ebria de amor, n'esse encantado instante
Delira em sonhos de delicia infinda!

CIX

Succede a languidez, empallidece
Subitamente a face purpúrina,
Na franja das pestanas estremece
Uma lagrima ardente e cristalina!
Exhaure-se a razão e n'um suspiro
Como que a vida emfim desaparece!

CX

Oh! pudor, onde estás n'esses instantes?
Não no semblante em que o prazer scintilla,
Não nos labios vermelhos e anhelantes,
Não no fogo brilhante da pupilla,
Quando livres, imunes, venturosos,
Da existencia se esquecem dois amantes!

CXI

Onde estás pois? Leitor, sobre este assumpto
Não devo interrogar a minha musa,
Que ás vezes se começo a insistir munto
Começa a responder, e alguém me acusa
Porque eu consinto em certas liberdades
De que ella, como sabes, nunca abusa.

.....

.....

CANTO TERCEIRO

IV

Paquita, a romanesca adolescente,
Via em sonhos, sentia, respirava
Amor e poesia unicamente.
Oh! Deus com que ventura lhe pullava,
Ao ler aquelles versos encantados,
No joven peito o coração ardente!

V

Retirada na sombra da espessura
 Quanta vez com os olhos scintillantes,
 Encostada na mão a face pura,
 Os labios entre-abertos e anhelantes,
 Devorara com vivos sobresaltos
 A historia singular de dois amantes!

VI

Depois, fechando o livro, pensativa
 Em torno a si corria os olhos bellos,
 Mal contendo uma lagrima furtiva,
 E affastando as madeixas dos cabellos
 Em doce posição se reclinava
 Entregue á morbidez da quadra estiva.

VII

A figura do primo idolatrado
 Surgia então á bella adormecida :
 Vinha sentar-se tremulo a seu lado,
 Por instantes fallar-lhe em voz sumida,
 E á suave impressão de um longo beijo
 Ella accordava emfim desfallecida.

VIII

Como é grato sonhar, quando a ventura
 Nos adormece com seu brando alento !
 Quando os olhos de rara formosura
 Nos revelam, em todo o sentimento,
 O amor que a timidez trazia occulto
 No recondito d'alma ingenua e pura !

IX

Uma tarde, na hora em que é mais bella
 A luz do ceo, a rosa purpurina,
 A suave canção da philomela,
 A frescura do bosque e da campina,
 Como disse em torrentes de eloquencia
 O cantor immortal da Parisina,

X

Paqueta no jardim, junto do lago,
 A vista pelas agoas percorria,
 N'aquelle imaginar saudoso e vago
 Que nos foge co'a leve phantasia.
 N'isto julga escutar o grato accento
 De uma voz que o seu nome proferia.

XI

Ao sentir essa voz nos seus ouvidos
 O sangue todo ao rosto lhe subira,
 Estremecendo, e quasi sem sentidos,
 Volveu-se de repente: oh! quando vira
 Pepito junto a si sorrindo alegre
 O resto da razão se lhe exaurira!

XII

Elle toma-a nos braços delirante,
 Ella accorda e contempla fascinada
 O bello rosto do adorado amante.
 Querem fallar, a voz morre cortada,.....
 Não é fogo, é volcão que de seus peitos
 Parece rebentar n'aquelle instante.

XIII

O tempo, a situação, tudo lhe esquece;
 Tudo foge a seus olhos deslumbrados
 Pelo ardor da paixão que os enlouquece.
 Confundem-se os olhares namorados,
 Vivem, sentem, respiram nas delicias
 D'esse mundo que a terra desconhece.

XIV

Mundo ideal, sublime, em que a leitora
 É provavel que tenha já vivido
 Pelo menos no espaço de uma hora.
 E quão feliz ess'hora terá sido!
 É rapida, é fugaz, mas se o não fosse
 Quem lhe havia no mundo resistido!?

.....

XXXVII

Quando tens mais poder ó formosura?
 Quando o sol da alegria te illumina,
 De esplendida expressão a face pura?
 Quando entreabrindo a bocca purpurina,
 Surris em torno a ti, como na aurora,
 Surri de gosto a rosa da campina?

XXXVIII

Quando amante, e feliz por ser amada,
 Se cobre de rubor o teu semblante,
 Ao escutar a voz enamorada
 E os mil protestos do adorado amante?
 Quando timida mão comprime a tua,
 Que treme alvoraçada n'esse instante?

XXXIX

Quando os soltos anneis dos teus cabellos
 Se agitam á feição da branda aragem
 No gentil desalinho inda mais bellos?
 Quando affastas os troncos da ramagem,
 Debruçando-te a medo sobre o lago,
 Para ver reflectida á propria imagem?

XL

Quando n'hora encantada do sol posto,
 Uma sombra da pallida tristeza,
 De meiga languidez te innuada o rosto?
 Quando a eloquente voz da natureza,
 A tua alma inspirada eleva em extasis,
 Aos pés do throno da eternal grandeza?

XLI

Ou quando a dor, qual subita procella
 Sobre o teu coração cae de repente,
 E desbotada a cor da face bella,
 O gesto amortecido, a voz plangente,
 Toda a magoa que o peito te comprime
 Por um flêbil suspiro se revella?

XLII

Oh! formosura, oh! seducção da vida,
 Oh! reflexo do empyreo n'este mundo!
 Inda és mais bella assim triste e abatida,
 Inda tens mais poder no olhar profundo,
 Mais encantos nas lagrimas sentidas
 Que te orvalham o rosto pudibundo!

XLIII

Inda quando... (perdão, leitora amavel,
 Quem melhor do que tu sabe onde exista
 O meio de a tornar mais adoravel!)
 Nós ficámos? — No instante da entrevista,
 (Ou momentos depois) quando Paquita,
 Escutara a sentença incontrastavel.

XLIV

(N'esta estrophe faltou-me a concordancia,
 O *adoravel* refere-se á belleza,
 De que havia fallado na outra estancia.
 Desculpe-me o leitor, visto a franqueza
 Da minha confissão, e sobre tudo,
 Por que o erro não tem grande importancia.)

CANTO QUARTO

XXX

— A heroína será provavelmente
Elegante e formosa? apaixonada,
Ha de estar por alguém? — Exatamente;
Do alto mundo, formosa, e namorada.
— Solteira, já se vê? — Sobre este ponto,
Devo dizer que não, por que é casada.

XXXI

— Deveras é casada? — Sim leitora.
— É singular a idéa na verdade!
— É singular por quê, minha senhora?
Pois *voencia* não sabe a quantidade
De heroínas que engendra o matrimonio
A cada passo em toda esta cidade?

XXXII

Casada, e titular! — Se lhe parece,
Diga o nome, cometa essa imprudencia!
— Oh! dizia-o, leitora, se podesse,
Se não fosse uma grave inconveniencia,
Dizer o nome da encantada imagem
Que abandonou tão cedo esta existencia!

XXXIII

A flôr mais pura, a estrella mais brilhante,
A mais formosa e candida das aves,
Quando ao raiar da aurora fulgurante
Desprende a voz em canticos suaves...
As obras immortaes que o genio cria,
Na inspiração, no sopro de um instante!

XXXIV

Um sorriso infantil, as mil caricias
Do affecto maternal, um casto beijo
Que nos transporta a um mundo de delicias,
A face virgem quando a cora o pejo,
A lagrima tremendo á flôr das palpebras,
Abatidas por morbido desejo!

XXXV

O magico perfume que rescende
 No mez de abril dos laranjaes floridos,
 O farol quando subito se accende,
 Para guiar os naufragos perdidos...
 Quanto seduz nossa'alma e nos inflamma
 Ao mesmo tempo o fogo dos sentidos!...

XXXVI

Não é mais bello do que foi na terra
 Essa rosa de amor que a sepultura
 Como já disse para sempre encerra!
 Mas o nome da rara formosura,
 Um lindo nome, e que se preste ao metro
 Em que vae ser contada esta aventura?

XXXVII

Nome sem pretenções, pense a leitora...
 Herminia, será bom? era excellente,
 Se o desditoso amante de Elleonora
 Na força do seu estro omnipotente,
 Celebrando este nome o não tornasse,
 Como um pomo vedado a toda a gente!

XXXVIII

Julia, Adelaide, Elvira, Augusta, Elliza?
 Elliza, era em verdade dos melhores,
 Se os poetas das ellas e da briza,
 «Eterna geração de massadores»
 Não tivessem já feito d'este nome
 Um supplicio infernal para os leitores.

XXXIX

Beatriz, a risonha companheira
 Do apaixonado e taciturno Dante?
 Laura, essa imagem que sorriu fagueira
 Ao vate de Vaclusa? A bella amante,
 Do auctor de Jocelin, enfim Graziella,
 A rosa, a pomba, o astro fulgurante?!
 XL

XL

Estes nomes, leitora, circundados
 De luz brilhante, e de viçosas palmas;
 Estes nomes que foram coroados
 Pelo immortal amor de certas almas!...
 Por mim, que passo á sombra do meu nada,
 Devem ser altamente respeitados!

BULHÃO PATO.

HORAS DE LUZ NAS TREVAS D'UM CARCERE

•Chi rende alla mesdrina
•La sua felicità?
SILVA PELLICO, El mie prigionì.

Que somno magnetico se apodera tantas vezes dos meus sentidos!
Então sinto a dôr, na recordação turbada e saudosa do passado—
d'aquelles primeiros annos tão cheios do contentamento singello da innocencia!—mas é a dôr fina que se subtrae á materia e chega a in-
nublar-me os olhos sempre postos nos horisontes do infinito.

Como é horrivel este plaino solitario por onde espraio a vista, e
onde outr'ora folgavam imagens queridas, tão lédas e formosas!

Será isto fraqueza, minha alma? Ah! não esmoreças!

Se não podes amesquinhar-te adorando os dogmas d'uma sociedade
que tu palpaste com mão inexperiente, retirando-a ferida, não detur-
pes hoje, nem deixes esfriar no regello do desconforto, a grande re-
signação e alegre conformidade nos trabalhos da vida—justa e mere-
cida compensação, dada por Deus.

Não, não procures mais o reflexo dos dias primitivos não toldados
por nuvem escura!

Flôr murcha pelo tufão assolador que desbastou uma familia, ver-
gontea debil de tronco eivado de serpes, cujos fructos são extinctos ou
malditos, não olhes mais o passado ahi; curva a fronte impalidecida
pelo gemer da orphandade, pobre noviça na athmosphera viciosa em
que te pozeram as violencias do destino!

Deixa, pois, de chorar aquelles que, mais venturosos, dormem o
somno eterno.

Álém, vês? lá está a pedra insensivel onde as tuas lagrimas cahem
e se congellam; e o pó sagrado de tantos entes estremecidos não se
eleva em columna ao ceu, pedindo a tua redempção.

Que responde pois aos teus gemidos? Nada. Ceu e terra é mudo!

Mudas são estas paredes, mudos os ferros que me reprezam aqui.
No silencio da noite, só harmonisam com os meus gemidos estas gotas
d'agua filtradas das abobadas que me vem molhar a face, já lenta do
suor febril.

Reina aqui a mudez que aterra a alma fragil, e fortalece a ousada que tem fé e crê no imprevisto, e na bondade divina.

Ai! quizera ver uma visão que me affiançasse que os meus sonhos não mentem, nem as minhas previsões.

Quando a terra nos falta com caridade e amor, a quem recorrer senão subimos em espirito ao hemispherio celeste d'onde os anjos da nossa infancia fugidos a ella, exoram talvez o perdão das nossas culpas!

Meu pae! Minha mãe! E tu minha filha do coração, Maria, vem tu responder aos meus prantos!

É pois verdade que o sepulchro não têm som que transpire...

Deixem-me estas reminescencias azedadas com o fel que me chegam aos labios os amigos de passadas eras!...

N'esta hora de torva melancholia, fujo ao mundo para escutar a harmonia d'anjo que acalentava os pezares d'uma infeliz alma que outros bens não tinha debaixo do ceu:

Choram-te os anjos, flôr, caída á terra

Do regaço da Virgem. Pomba errante,

No ar, que empeçonhava humano halito,

Tu viste a luz radiante.

D'aquelle amor do ceu, arrobo d'alma!

Voavas toda amor, toda delirio

Sem vêr gotejar sangue a triste palma

Das honras do martyrio.

Que fizeram de ti, manso holocausto

De fementidas eras lagunosas?

De ethereas illusões sorveste um hausto

Que não era dos ceus.

Ai! vê se pódes, anjo, inda salvar-te!

Desfere para o ceu teu vôo ainda;

Ai foge para Deus, ó pomba linda

Que eu vou buscar-te em Deus.

Não vas. Aceita o calix. Sobe a encosta

Por sobre espinhos que o teu pranto rega,

Acceita o teu calvario, aceita-o, victima,

S'é minha redempção!

Perdeste a luz do ceu? lança-te cega

Ás voragens da dôr! Á luz maldita

D'este inferno, verás, com fogo escripta,

A minha maldição!

Não vas sem me ouvir. Tens certa a gloria

É tua patria certa a luz dos anjos!

Que importa um dia mais no teu martyrio?

Por ti me salvarei.

Reverdece na fé, pallido lyrio;

Bebe orvalhos do ceu, recobra alento,

Por mais um dia teu d'agro tormento

Comtigo ao ceu irei.

É o hymno que eu sagrei a uma desventura de que os mesmos algozes poderiam apiedar-se se eu não tirasse d'ella incentivo poderoso para exhortar o animo abatido; e repovoar o meu ceu da infancia, alindado com o phantasiar de infeliz.

O hossana, eu sou, inspirada pela desgraça, que o canto; e estas notas desferidas em desassombro de espirito chegam plangentes ao throno da summa intelligencia, onde as eleva a minha vontade firme, e audaciosa esperança.

Vejo a tempestade ir ao longe de fugida, e exulto já na bonança que me promete a amenidade e frescura do ar, e as matizadas e brilhantes côres do arco iris.

Espero. Porque hei de eu descrêr?

Não vi eu a mão de Deus tocar severa e formidavel na arca em que o reprobo fa exultando com o mal feito, e meditando novas perfidias?

À maldição d'uma mãe afficta, as ondas embatem o lenho condemnado, e, no meio da grita, Satanaz acolhe a imprecação do impio.

Salvaste a vida, que Deus não quiz, canibal! Has de arrastal-a n'este inferno da vida em que cada sorvo de ar te custará mais tarde uma agonia.

Já me não vexa o pezado e hediondo jugo que me empobreceu. Acima dos bens que possui, ha outros de maior valia.

Rica de estimulos nobres, de dignidade no infortunio, e rara valentia moral desafio-te hydra, que recalco com pé orgulhoso, e fronte altiva.

Tocaste no que me podias roubar; mas fizeste-me descobrir um thesouro onde eu nunca julguei poder subir.

A victoria é minha.

Fraca porque sou mulher, pobre, opprimida pela inveja e pelo odio, não hei de succumbir, ainda assim! Ampara-me a voz que me chora na harpa da poesia santa e verdadeira do coração.

D'este alto que eu ganhei com tanto denodo, suffocando os impetos vertiginosos da dôr, contemplo o mundo, e como um grande espirito em frente das cinzas d'um grande rei, cruzo as mãos no seio, e digo: «Só Deus é grande!»

A. A.

PALESTRAS SCIENTIFICAS

(Continuação)

V

Se alongámos, talvez em demasia, as considerações que nos artigos anteriores apresentámos sobre a natureza e propriedades do oxigenio, nos seus estados activo e passivo, ou nos dois modos porque elle se manifesta, e que designamos pelas denominações de oxigenio e do ozone, justifica-nos a grande importancia do papel, que este corpo representa em todos os phenomenos chimicos da natureza e principalmente na historia do ar atmospherico com que promettemos entreter os nossos leitores.

Não sendo para os os homens de sciencia que aqui escrevemos, mas simplesmente para as pessoas de sociedade, que se interessam com louvavel curiosidade pelos progressos das sciencias e pelas suas uteis applicações, ser-nos-ha permittido divagar livremente pela região das noções elementares, que apesar da sua simplicidade e da sua utilidade, só agora começam a entrar no quadro do ensino geral, e muitas das quaes são geralmente ignoradas, tomando o seu lugar gravissimos erros, sempre prejudiciaes e muitas vezes funestos.

Todos sabem quasi instinctivamente, que o ar atmospherico ou a atmospheria da terra, é esta substancia gazosa, este fluido tenuissimo e quasi iuvisivel em que vivemos mergulhados e que, em torno de nós, cercando o globo em que habitamos, se estende pelo espaço muito além dos limites aonde nos é permittido chegar.

Muitos são os phenomenos que denunciam, ainda aos menos obser-

*

vadores e curiosos das coisas naturaes, a existencia material d'esta substancia a que chamamos ar.

Agitado, revela-se pelo seu movimento, ora suave como a brisa que nos afaga brandamente, ora violento como nos bolções impetuosos que açoitam e varrem a superficie das terras e dos mares, levando a desolação por toda a parte.

É o ar agitado ou o vento que, soprando de encontro ás velas dos navios, os impelle e conduz por esses mares em todas as direcções; é elle, que forçando furioso a estreita abertura das frestas e das fendas das nossas portas, sibila irritado e faz vibrar as harpas eoleas; é elle que, precipitando-se sobre a terra, levanta as nuvens de poeira que nos cégam, sacode com violencia as arvores, que gemem constrangidas, e que nos fustiga contrariado, quando marchamos contra a sua direcção, ou nos impelle impaciente, quando a seguimos.

Os antigos não punham em duvida a materialidade do ar, nem ignoravam a sua influencia sobre muitos dos mais importantes phenomenos que se passam á superficie da terra; porém as idéas que tinham sobre a sua natureza e principaes propriedades parecem-nos hoje bem incompletas, se ajuizarmos pelos seus escriptos a este respeito demasiadamente confusos.

Os physicos e os chimicos modernos, dotados de espirito mais analytico, e possuidores de meios de observação mais perfeitos, applicaram a sua attenção para o estudo completo d'este meio em que vivemos, reconhecendo a sua alta importancia, e lançaram as bases de uma nova e interessante sciencia que se occupa principalmente dos phenomenos atmosphericos, a *meteorologia*.

Se ainda hoje nos cursos elementares de physica e de chimica se fazem certas experiencias, já muito vulgares, para demonstrar a materialidade do ar, não é porque os professores imaginem ou receiem que os seus ouvintes ignorem um facto, que desde a educação mais rudimentar, se tornou sensível ás creanças, mas é por que o rigor dos methodos exige que no ensino das sciencias de observação a experiencia sirva sempre de base ao estabelecimento dos principios, ainda mesmo d'aquelles que menos duvidas podem suscitar.

Quem é que ignora hoje que a causa que obsta á entrada da agua em um copo, que n'ella se mergulha com a abertura voltada para baixo, é a materia do ar que n'elle se contém? Quem haverá que não saiba que, inclinando o copo assim collocado dentro da agua, deixa escapar o mesmo ar em bolhas atravez da agua, a qual vae tomar o seu lugar entrando no copo?

É portanto inutil insistir sobre este ponto, porque ninguem duvida em nossos dias de que o ar seja uma coisa material que occupa espaço como tudo quanto é materia.

Mas qual é o espaço que elle occupa? Será o espaço infinito que se estende sem limites por todo o universo, e no meio do qual se movem, com a nossa terra, os outros astros? Ou será um espaço limitado e restricto como é o das massas visiveis de cada um dos corpos celestes?

No capitulo em que Berselius, o grande chimico sueco, se occupa da historia da atmosphaera da terra, lê-se o seguinte: «Durante longo tempo estiveram as opiniões divididas sobre a questão dos limites da atmosphaera. Laplace tentou na realidade demonstrar, pelas leis da gravitação universal, que ella não podia estender-se ao infinito; mas é a Wollaston que devemos os argumentos mais concludentes contra esta hypothese. Se o universo fosse cheio de um ar atmospherico excessivamente raro, cada um dos corpos que elle contém deveriam condensar em torno de si uma quantidade d'esse ar proporcional á sua massa e á sua força de atracção, de maneira que, no nosso systema planetario, o sol, Jupiter e Saturno, deveriam estar cercados de atmosphaeras bem mais consideraveis que a da terra. Porém, observando a passagem de Venus diante do disco do sol, Wollaston não poude reconhecer vestigio algum de refração, que teria lugar se este ultimo astro fosse realmente cercado de um envolucro gazoso augmentando pouco a pouco em densidade. As observações dos eclipses dos satelites de Jupiter provam tambem sufficientemente que Jupiter não tem atmosphaera; d'onde resulta que a *atmosphera é uma particularidade propria da terra, e que por conseguinte deve ella ter limites bem definidos.*»

Eis a aqui como um sabio da primeira ordem, uma grande e respeitavel auctoridade na sciencia, dá como decidida tão peremptoriamente uma questão, que, se hoje se pôde julgar resolvida, é inteiramente em sentido contrario.

A observação e a experiencia, são effectivamente as bases mais seguras dos nossos conhecimentos, mas para que ellas tenham incontestavel valor é necessario que não deixem a menor duvida no espirito, e que não contrariem as operações d'este ente superior, que preside ao exercicio das nossas faculdades intellectuaes, e a que chamamos *razão*.

Se ainda não temos cá na terra todos os documentos necessarios para demonstrar até á evidencia que o material empregado pelo Creador na construcção do universo é todo o mesmo, não ha tambem provas em contrario, mas antes todas quantas a sciencia tem podido colher abonam a idéa de que a materia, assim como as forças que a sujeitam, são por toda a parte as mesmas no que teem de mais essencial. Presos á terra pela nossa condição material, não podemos transpôr physicamente os espaços que nos separam dos outros corpos celestes para observar de perto a sua constituição e submeter á analyse chimica a sua materia. Mas não devemos esquecer que frequentes vezes a gravitação universal arroja sobre o nosso planeta fragmentos de outros mundos

que nos são estranhos, e que n'esses fragmentos, areolites ou pedras cahidas dos espaços planetarios, achamos materia identica á do nosso globo. Em nenhum d'elles dos muitos que tem sido analysados se achou substancia alguma que a chimica não tivesse já encontrado na terra : o oxigenio, o enxofre, o phosphoro, o carbonio, o silicio, o aluminio, o calcio, o potassio, o sodio, o ferro, o nickel, o cobalto, o chromio, o manganio, o cobre, o estanho e o titanio, aquelles mesmos em cujo numero figuram os que em maior proporção constituem a parte solida do nosso globo. Isto confirma o que a razão nos diz, ou que a materia deve ser em todo o universo a mesma, salvas todavia as differenças que podem existir provenientes da variada distribuição dos elementos e das suas multiplices combinações.

Para nos convenceremos de que o ar atmospherico é uma particularidade do nosso planeta, seria necessario suppôr que nos outros corpos celestes imperava uma força de cohesão bem energica para obstar á volatilisação de parte da sua materia, tornando n'elles impossivel o estado gazoso ou aeriforme. D'aqui deveria tambem seguir-se como consequencia immediata a maior densidade da massa dos planetas em relação á da Terra. É exactamente o contrario, que os calculos astronomicos nos mostram, por que no grupo solar, e comprehendendo mesmo o Sol, só Mercurio é que é mais denso do que a Terra : em todos os mais a materia se acha consideravelmente mais rarefeita, e principalmente em Saturno, em Uranus, em Neptuno, em Jupiter, e no Sol, sendo a densidade d'este ultimo $\frac{1}{4}$ da da Terra e a dos outros ainda inferior, sendo as de Venus e de Marte proximamente iguaes á da Terra.

Ainda mais, contra a asserção de Berselius temos as observações modernas dos astronomicos que confirmam a existencia dos envolveros gazosos em torno do Sol e dos planetas que melhor tem sido estudados, como Venus, Marte, Jupiter e Saturno.

Se não fôra o receio que tenho de me affastar do principal objecto que escolhi para thema d'estes artigos, poderia ainda aqui reproduzir as observações da astronomia moderna que fortalecem a opinião da existencia de atmosferas analogas, senão semelhantes, á nossa, em torno dos outros planetas que habitam com a Terra o imperio do Sol. Para os curiosos que quizerem ter sobre este seductor objecto noções mais extensas e precisas, recomendo-lhes a *Astronomia popular* de Arago, livro hoje classico n'este ramo dos conhecimentos humanos, e um precioso artigo *sobre as estações na terra e nos outros planetas*, devido á penna elegante e sabia do illustre Babinet.

Para mim é quasi artigo de fé, no estado actual dos nossos conhecimentos, a opinião contraria á de Berselius, isto é, que o ar atmospherico, longe de ser uma singularidade da nossa Terra ou Cybèle, é um accessorio indispensavel dos outros planetas.

Se a atmospherá da terra tem limites bem definidos, que entestem com o espaço vasio, ou se acaba insensivelmente diluindo-se no ether, que enche ainda o espaço infinito, é questão que difficilmente se póde tratar n'este legar. Acabe ou não acabe, tenha ou não tenha limites, a manifestação das propriedades que dependem da sua extensão é effectivamente limitada, e é esta parte que mais nos interessa. Adiante veremos quaes podem ser os dados em que se fundam os calculos para determinar a altura apparente, permittam-me a phrase, da nossa atmospherá.

Como todas as substancias materiaes o ar é pesado e resistente. Apesar de que o seu peso se nos revela em muitos phenomenos, os antigos philosophos não fixaram demasiado a sua attenção sobre esta importante propriedade. Estava reservado ao grande philosopho italiano que descobriu o movimento da terra em torno do sol, apesar das censuras de Roma, o demonstrar, por experiencias tão singelas como positivas e irrecusaveis, que o ar era pesado.

É do anno de 1640 que datam as experiencias de Galileu a que me refiro. Dentro de um balão, munido com uma torneira, introduziu, forçando-o por meio de um folle, uma porção de ar maior do que aquella que nas circumstancias ordinarias ali se podia conter, e viu que o balão, assim cheio, augmentava de peso. D'esta experiencia deduziu logo, não só que o ar era pesado, mas tambem que era compressivel, isto é, que n'um espaço, de volume determinado, se podia conter uma porção de ar tanto maior, quanto mais poderosa fosse a pressão a que o submettessem. Na mesma experiencia viu que o ar era elastico, por que cessando a pressão que o havia constringido, voltava promptamente a occupar o seu volume primitivo, restituindo rapidamente a força com que fôra violentado. D'aqui nasceram as chamadas espingardas de vento, em cuja coronha ôcca se alojava uma grande quantidade de ar fortemente comprimido, o qual no momento em que, tocando no gatilho, se abria uma pequena valvula, projectava a balla com grande violencia.

O descobrimento do peso do ar explicou a ascenção da agua no interior das bombas, cuja causa até então se ignorava. Quando no corpo da bomba se tira o ar, levantando o embolo ou buxa, a agua exterior, em que o aparelho está mergulhado, e sobre a qual pesa o ar da atmospherá, sóbe, em virtude d'esta pressão, no espaço que o embolo lhe deixou livre até á altura em que o seu peso se equilibra com o peso de uma columna de ar que tenha a mesma base; esta altura no interior de uma bomba, cujo embolo podesse extrahir o ar com toda a perfeição, seria, ao nivel do mar, de dez metros e meio proxivamente. O que quer dizer que uma columna de agua, cuja altura fôr de dez metros e meio, pesa tanto como uma columna de ar tão alta como a atmospherá, sendo iguaes as bases de ambas.

Os antigos explicavam este limite da ascensão da agua no interior das bombas attribuindo-o ao horror que a natureza tinha ao vacuo, o que de certo não passava de ser uma frase pertenciosa, para incobrir a ignorancia, no tempo em que os sabios pertendiam, a todo custo, sustentar a reputação de não ignorarem coisa alguma. Em todos os tratados, já hoje velhos, de physica se conta uma anecdota relativa a esta explicação e na qual se attribue a Galielu uma resposta pouco grave, que Arago com justa razão suppõe apocrypha. Os artes hydraulicos de Florença, admirados por verem que a agua não subia no vacuo das bombas acima de 32 pés, foram consultar Galileu, que lhe respondeu: — «O que vos admira é muito simples; a natureza não tem horror ao vacuo senão até á altura de 32 pés.»

Quem descobriu que o ar era pesado, tinha por certo achado a explicação do phenomeno que causava tanto espanto aos constructores das bombas.

Torricelli, discipulo de Galileu, foi o primeiro que observou a altura de uma columna de mercurio capaz de fazer equilibrio ao peso da atmosphaera,

Supponhamos um tubo de vidro, aberto em uma das extremidades e fechado na outra, tendo de comprimento um metro, pouco mais ou menos; se enchermos de mercurio este tubo, e, tapando com o dedo pollegar a sua abertura, o voltarmos, mergulhando-o n'um copo tambem contendo mercurio, e de modo que fique em posição vertical, observaremos que o mercurio desce do interior do tubo até um certo ponto, e depois estaciona; medindo a altura do mercurio contido no tubo sobre o nivel d'aquelle que se contém no copo, acharemos proxivamente 760 milimetros, se a experiencia se fizer em lugar que fique quasi ao nivel do mar. A razão, porque aquella columna do metal liquido se conserva no tubo, é ainda a mesma que explica a ascensão da agua no corpo das bombas até 10 metros e meio; é por que o peso d'essa columna de mercurio faz equilibrio com o peso de uma columna de ar, que tem por altura toda a extensão que váe desde a superficie livre do metal até aos confins da atmosphaera. Transportemos este aparelho para o alto de uma montanha, aonde a columna do ar superior é já mais pequena do que ao nivel do mar, veremos que a columna do mercurio desce tambem; se em vez de subirmos á montanha, descermos ao fuído de um poço de mina, ou nos transportamos ás praias do Mar Morto, na Syria, cujo nivel fica 400 metros abaixo do nivel do Mediterraneo, veremos então que a uma columna mais extensa do ar atmospherico corresponde a elevação proporcional da columna de mercurio no tubo de Torricelli.

Da experiencia de Torriceli nasceu pois um meio facil de medir as alturas relativas da atmosphaera nos diversos lugares, e por conseguinte

o seu peso; d'ahi veiu o nome de *barometros*, aos instrumentos aperfeiçoados de que hoje nos servimos, e que no mais essencial não são outra coisa senão o tubo de Torricelli. O barometro é pois a columna de mercurio contida dentro de um tubo de vidro, seperiormente fechado e em posição vertical, cujo peso se equilibra com o peso de uma columna de ar atmospherico que tem a mesma base. Se o ar está mais pesado a columna de mercurio sóbe, por que é necessario maior porção de metal para estabelecer o equilibrio; se está mais leve, o mercurio desce, por que então menos metal é necessario para que o equilibrio se conserve.

A continua agitação da atmosphera, as muitas causas de perturbação a que estão sujeitos os seus movimentos, o aquecimento desigual que soffre pela acção dos raios do sol nas differentes regiões, fazem com que o peso do ar varie e acompanhe por isso esses movimentos denunciando-os no barometro.

Se o vento sopra do norte ou nordeste, vindo das regiões glaciaes, e tendo atravessado por cima das terras do continente europeu, vem secco e frio, e por isso mais denso e pesado; faz então subir o barometro. Se vem do oeste ou do sul, dos climas quentes e de sobre o Oceano atlantico, vem mais rarefeito, mais humido e menos pesado; desce então o barometro. Eis aqui porque este instrumento até certo ponto, prognostica o tempo. Os ventos seccos e frios do norte e nordeste dissolvem a humidade, porque não estão saturados, e trazem o bom tempo: os ventos quentes e humidos do sul e do oeste vem carregados de vapores aquosos que, encontrando no seu caminho o ar mais frio, se condensam e formam a chuva.

A experiencia de Galileu disse-nos que o ar era pesado, mas não determinou rigorosamente o seu peso. A physica moderna, por meio de processos engenhosos, achou que um litro de ar pesa $1^{\text{gr}},3$ ou que para fazer 1 kilogramma são necessarios 769 litros de ar.

Vendo-nos debaixo de uma camada de ar, cujos limites nos parecem tão affastados, é natural a curiosidade que nos leva a investigar que peso supportamos sem fadiga sobre os nossos hombros.

Parece á primeira vista que para satisfazer esta justa curiosidade seria necessario achar primeiro a altura da columna de ar que se eleva sobre as nossas cabeças. O barometro não póde indicar senão incompletamente esta altura. Os physicos acharam que 10:509 milímetros cubicos de ar pesam tanto como 1 milimetro cubico de $\frac{7}{8}$ mercurio. — Suppondo agora que o ar atmospherico era igualmente denso em toda a sua extensão, teriamos que, por cada $10^{\text{m}},509$ que fossemos subindo verticalmente, baixaria o mercurio no barometro 1 milimetro. Quando tivéssemos subido $7.986^{\text{m}},84$ a partir do nivel do mar, em que a altura-média d'aquelle instrumento é de 760 milímetros, ter-se-hia ella

reduzido a zero, por havermos chegado aos confins da atmosphaera: mas o ar não é nem pôde ser igualmente denso, por que, á proporção que as camadas do ar se acham mais elevadas, está elle mais rarefeito, por se achar aliviado do peso das que lhe são inferiores, apesar de que a temperatura, que tende a dilatal-o, é mais elevada nas proximidades da terra do que nas regiões superiores. Em todo o caso a altura da atmosphaera deve ser bem mais elevada do que os 7.986^m que nos deu a comparação com a descida do mercurio no barometro, debaixo de uma hypothese que se não pôde realisar. Poderemos quando muito admittir esta altura como o limite minimo da espessura da atmosphaera. Se esta se não elevasse mais, as pontas do Himalaya, o *Kintschindjunga*, que se eleva 8.592 metros acima do nivel do mar, e o *Dharwalgiri*, cuja altura é de 8.485 metros, teriam as suas cabeças, nevadas e orgulhosas, fóra da atmosphaera; seriam verdadeiras ilhas no oceano aereo.

Kepler tinha imaginado um methodo puramente geometrico para deduzir dos phenomenos crépusculares a altura da atmosphaera; methodo engenhoso, apesar de algumas incertezas, que deixam ainda duvidas sobre os seus resultados, e cuja exposição não cabe nos limites d'este artigo e affartar-nos-hia do nosso plano. A altura da atmosphaera achada por similhante methodo subia a 60.000 metros ou pouco mais de 10 leguas. — Biot, discutindo as observações de temperatura e de pressão colhidos nas ascensões de Humboldt e de Boussingault pelas encostas das altas montanhas, e na viagem aereostatica, que Gay Lussac effectuou em tempo sereno, calculou que a espessura do ar que nos cerca não deve ultrapassar 48.000 metros (Arago).

Querem outros que a altura média da atmosphaera seja de 70 a 90 kilometros ou para mais de 14 leguas. As recentes determinações do sr. Liais, cujos trabalhos, executados no Brazil e auxiliados pela illustrada protecção do imperador D. Pedro II, teem illucidado tantas questões da physica do globo, mostram que a atmosphaera da terra é ainda sensivel acima de 340 kilometros de altura sobre o nivel do mar.

Para avaliar o peso do ar que sobre nós carrega, não é indispensavel o conhecimento da altura da columna atmospherica, que assenta sobre o nosso corpo: querendo satisfazer esta curiosidade, por que não passa de mera curiosidade, basta conhecer o peso do mercurio que no barometro faz equilibrio ao peso do ar. A altura média do barometro é, como todos sabem, de 760 milimetros; com esta altura a columna de mercurio, que tivesse por base um centimetro quadrado pesaria 1.026 grammas, por que um centimetro cubico de mercurio pesa 13,35 proximamente; logo cada centimetro quadrado da nossa pelle supporta um peso superior a um kilogramma, o que dá para a superficie total de um homem de estatura ordinaria uma pressão equivalente a 16.000 kilogrammas ou 1.090 arrobas.

Aquelles, a quem se revella pela primeira vez o enorme peso que o seu corpo supporta, a não acreditarem mais na palavra dos sabios do que na sua propria sensação, ficam incredulos e julgam que a sciencia brinca ou devânea; mas não tem rasão por que é facil demonstrar que esse peso não deve produzir sobre nós a minima oppressão, por que sendo exercidas as pressões, que d'elle resultam, em todos os sentidos, fóra e dentro dos nossos órgãos, ellas se equilibram e destróem mutuamente. Isto é tão verdade que, se passarmos rapidamente de um meio para outro, em que a pressão seja muito differente para mais ou para menos, sentir-nos-hemos muito incommodados, em quanto o equilibrio das pressões, exterior e interior, se não estabelece. Podem d'isto dar testemunho os aereonautas que tem subido a grandes alturas, ou os viajantes que emprehenderam ascensões aos picos elevados das altas montanhas, e os mergulhadores que descem nas campanulas ao fundo do mar. Os primeiros, transportados a um meio mais rarefeito, soffrem, por que o ar que se aloja nas cavidades interiores dos órgãos se dilata, e os segundos soffrem, por que o ar exterior, mais denso e comprimido pelo peso da columna d'agua superior á campanula em que vão mergulhados, quer entrar com violencia para as cavidades interiores, aonde se acha um ar menos denso. Este incommodo se desvanece logo que o equilibrio se estabelece, e d'ahi se explica a facilidade com que se pôde viver por algum tempo no ar comprimido e no ar rarefeito. Todavia a nossa organização não sendo talhada para estas pressões anormaes, a permanencia em taes condições não é isenta de inconvenientes.

A engenharia moderna aproveitou esta facilidade, com que o homem pôde viver um ar comprimido, para fazer executar os trabalhos de construcção hydraulica no fundo dos rios fóra da acção das aguas.

Imagine-se um aparelho composto de uma espaçosa caixa de ferro, cuja abertura repousa sobre o leito de um rio, e a cuja parte superior se adapta um largo tubo ou cylindro, que sáe para fóra das aguas, e por meio do qual, com o auxilio de bombas comprimentes, se introduz e comprime uma grande porção de ar: á proporção que este se accumulalla no aparelho, as aguas descem affastando-se, e os homens podem d'este modo chegar ao leito do rio, posto a secco e abi a trabalhar por algum tempo. É por este meio que se estão construindo as pilhas da grande ponte de Khel sobre o Rheno para a continuação do caminho de ferro de Strasbourgo. Desgraçadamente o trabalho forçado debaixo de peso tão superior ao da atmosphera, a que os homens estão acostumados, traz comsigo funestas consequencias para a saude dos operarios, que devem necessariamente oppôr obstaculo sério á utilização de uma tão engenhosa invenção. No Cosmos do revd.º p.º Moigno, 3.º caderno de 18 de janeiro d'este anno,

lê-se uma noticia com o titulo — *Le progrès et souvent homicide*, em que se relatam os estragos soffridos pelos operarios, que trabalharam na construcção sub-aquatica das pilhas da ponte do Rheno, que obriga a reflectir sériamente sobre a conveniencia de continuar a seguir o engenhoso methodo do sr. Triger sem o modificar profundamente. A maior parte d'aquelles operarios, permanecendo por muito tempo no ar comprimido debaixo do peso de muitas atmosferas, soffreram agudas doenças dos ouvidos, e das articulações, congestões pulmonares algumas vezes terminadas pela morte, lesões do systema cerebro-spinal e outros desarranjos do organismo. Em taes circumstancias é forçoso modificar o systema para collocar os operarios ao abrigo de similhantes estragos, ou abandonal-o por que a primeira condição do verdadeiro progresso é aliviar a humanidade dos soffrimentos a que está sujeito.

(Continúa)

J. PIMENTEL.

CHRONICA



Foi á Academia das Bellas Artes que dedicámos mais largamente as paginas da ultima chronica. D'esta vez prevenimos desde já o leitor que faremos o mesmo, a fórma, porém, é que será outra. Baniremos a censura que o desleixo dos nossos governos provoca necessariamente, embora nos acuda sempre espontanea aos bicos da penna, declarando todavia que sentimos e reconhecemos merecida toda a que lhe fizemos n'aquelle ligeiro desaffogo provocado pelo empenho que temos de vêr auxiliadas e coadjuvadas as brilhantes vocações que, felizmente para a arte e para o paiz, ali se revelaram, progredindo e florescia, á sombra de um rei que só a alma de artista inspirára, e escudadas pela força de vontade e pelo amor da gloria. Apontaremos só para as obras, que são provas evidentes e a melhor accusação que podemos formular. Diante d'ellas, verão os leitores que não houve, nem ha, parcialidade ou exaggeração nas nossas queixas; mas só justiça. Para advogar esta causa, interesse algum nos move, excita-nos unicamente a sympathy e affeição que intimamente nos merecem os que trabalham. E para os que trabalham ha só duas coisas a esperar, quasi sempre: a indifferença e a diffamação. São as armas dos que nada fazem e a tudo aspiram, e são armas para ferir e desanimar, se não encontram para se lhes oppór uma consciencia robusta e uma vontade de ferro. Havendo estas duas coisas resistesse, e com o tempo e com as obras desfaz-se a calumnia, dissipa-se a indifferença e legitima-se o merito. É trabalhar, pois. Não quebrem a penna, não deponham o buril, não larguem o pincel, e o livro, e a estatua, e o quadro, não de fallar em vosso favor, mais alto que tudo e que todos.

Victor Bastos acaba de provar o que avançamos n'um bello trabalho que lhe confirma o talento engrandecendo-lhe a reputação. Quereis vê-lo? Entrai na Academia; e batei á primeira porta, que fica do lado direito, á entrada do corredor. É ali o estudo do nosso primeiro estatuario. Um cubiculo de accordo com o frontespicio do edificio! Mas lá dentro uma obra grandiosa! Contemplando-a tudo esquece, tudo muda, tudo desaparece, e só ella attrahe os olhos, e só ella prende a attenção. É como um raio de sol na lage negra de um carcere!

Prestai agora attenção. Vou tentar descrevê-lo. Podereis assim imaginar, de longe, muito de longe, o que é o *Baixo-relevo da colera* de Victor Bas-

tos. Quatro grupos distinctos formam o quadro, sendo um d'elles aerio. Este que domina os outros apresenta n'uma figura a colera com a fouce alçada prompta a descarregar o golpe, conduzida pelo tempo que lhe indica com uma das mãos a ampulheta que na outra leva virada, e arrastando após si a miséria.

O grupo do lado direito symbolisa a resignação no martyrio a concentração no padecimento: uma mulher com o filho morto nos braços curva silenciosa a cabeça suffocando as lagrimas; outra comprimindo a dor que a dilacera acolhe-se à sombra da religião que completa o grupo; uma outra mãe chora abraçada a uma filha já mulher também morta; e varias figuras mais revelando a angustia intima e a maxima provação.

No centro duas figuras debatem-se com o flagello.

Do lado esquerdo o grupo representa a desesperação e o terror: uma mulher atacada repentinamente está suspensa nos braços de um homem que a fita horrorizado, em quanto um filho ainda creança se lhe agarra ás mãos chamando por ella; e diversas figuras mostrando fugir atterradas á epidemia. Eis a descripção exacta e singela do baixo-relevo, falta-lhe porém a expressão e a harmonia que ha nos traços e no desenho das figuras. A composição é grandiosa e a execução feliz e conscienciosamente estudada.

O baixo-relevo pertence a S. M. El-rei o Sr. D. Pedro V, que logo que vio o esboceto na ultima exposição, pedira a Victor Bastos que o concluisse, o que elle fez agora, correspondendo plenamente o resultado ao que promettia. Honra o monarcha o pedido que fez, e honra o artista satisfazel-o por tal forma.

Passemos agora ao estudo de Anunciação, cujo pincel nunca descança, cuja imaginação nunca pára, cujo adiantamento sempre se manifesta. Dois quadros pequenos chamam logo a attenção do frequentador d'aquelle estudo. E que são novos, é que não estavam lá a ultima vez que o foi visitar. São dois quadros de costumes nacionaes. Um representa uma familia de varinas avó, filha e neta. Estão à espera do peixe com os cestos vãos diante de si. É um bonito grupo e copiado fielmente. Ao longe, no mar, vêem-se alguns barquinhos, dirigindo-se para a praia.

O outro representa no primeiro plano o pescador arranjanço a rêde e uma varina dirigindo-se a ir buscar o peixe aos barcos que já estão ao pé de terra; e no segundo plano algumas figuras trazendo já o peixe.

Em ambos os quadros o colorido é vigoroso e os typos caracteristicos.

O Sr. José Rodrigues, trabalha n'este momento n'um retrato do Sr. Conde de Porto-Côvo, de tamanho natural e vestido de par do reino. Dentro em pouco ficará concluido e reservamos para então a nossa analyse.

Sahiremos da Academia das Bellas Artes para entrar na galeria de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando. Ha ali mais um quadro nacional. É do Sr. Rezende, pintor portuense. Representa o quadro *Uma varina*. Só! perguntará o leitor. Só; mas se a visse, ficava satisfeito com tão pouco, porque é muito. Muito, sim; o mais possivel, porque onde está uma mulher verdadeiramente bonita, está tudo. Nem outra coisa se vê, nem para outra coisa se olha; captiva sempre, enthusiasma algumas vezes, desvaira muitas! E para desvairar são os olhos da tal varina! Negros e expressivos, maliciosos e meigos. E o sorriso? Tão feliceiro, tão insinuante!

Se é uma copia, feliz, e bem feliz, foi o Sr. Rezende encontrando o original e passando horas — esquecidas, talvez — diante d'elle.

Notamos só um defeito na *varina*: são as mãos. Podiam ser bem feitas; mas tratadas e apuradas como ella as apresenta, isso não. E apuradas e tratadas como poucas senhoras as trazem! Foi um capricho do Sr. Rezende. Custava-lhe ver um *senão* desfeianço tanta belleza. Mas, não devia, porque é sabido que não ha formosa sem elle.

É do Sr. Christino a gravura que illustra este numero da *Revista*. Poderão ali admirar os nossos assignantes um esboço exacto da *Fonte de Santa Theresza no Bussaco*. O Bussaco isto é a poesia, e bem poetico é o sitio que o artista escolheu.

Já que fallámos em poesia, e como temos diante de nós um bello e sentido trecho do Sr. Antonio Feliciano de Castilho, vamos immediatamente substituir a nossa humilde prosa, offerecendo-o aos nossos leitores. Destinados a honrar as nossas paginas da chronica foram estes versos do grande poeta. Assim nos participou n'uma carta que guardamos reconhecidos. É um *Adeus* do cantor da *Primavera*, á eximia interprete da *Sapho*. Eil-o, pois, o adeus de Castilho escripto no album de M.^{me} Marietta Gazzaniga Malaspina e acompanhando o retrato do eminente escriptor:

E vais partir! E partirás contente
d'onde tinhas um throno e adoradores!
E nunca mais a Italia do Occidente,
poderá pôr-te aos pés as suas flores!

Porque vieste a nós, mulher deidade,
duplice musa da tragedia e canto,
se fascinados de teu mago incanto
nos votavas tão cedo á soledade?

Mas ausenta-te embora, um vão queixume
não te agoire o alvoroço da partida!
O mar, de Venus berço, a tem por nume;
ridente mar te leve adormecida!

D'auras de Lysia o suspiroso bafo,
rescendente aos mortaes, ao loiro, ás rosas,
por sobre ordas gentis harmoniosas
cêdo te volva á patria, ausonia Sapho!

Pai, mãe, irmãs, um filho, já seus braços
te alongam cubicosos de apertar-te;
nem a gloria no ceo de taes abraços
te póde já lembrar! oh! parte! parte!

Que hora d'ouro te espera! A Italia bella,
que deixaras escrava, achá-a erguida;
fez dos grilhões espada; o sol da vida
entre filhos heróes reluz sobre ella.

Não mais cantes ficções na eterna lyra,
prole da Ausonia; os seus prodigios canta;
Teu filho será livre; o amor te inspira;
a novos céos de gloria te levanta!

Cresce orgulhosa; crescerá teu filho,
maior que seus avós, ¹ á patria grato,
mostra-lhe então no meu fiel retrato
quem vos cantou no Tejo: o teu Castilho.

É uma gloria para a artista este canto, e maior gloria ainda, porque traduz, a par da admiração, a saudade.

ERNESTO BIESTER.

¹ Os marquezes de Malaspina.

ERRATA AO NUMERO PRECEDENTE.

Pag. 350, linhas 12—onde se lê: *Alcinou*—lêa-se *Alcinoo*.

Pag. 355, linhas 20—onde se lê: em seu grabato acorda; o frio em vão—lêa-se: em seu grabato acorda; o frio *agudo* em vão.

Pag. 358, linhas 40—onde se lê: oh! não; trabalho e *rega* é que dão tanto haver—lêa-se: oh! não; trabalho e *regra* é que dão tanto haver.

Pag. 359, linhas 19—onde se lê: as labações medrando! e *aléma* malva ufana!—lêa-se: as labações medrando! e *além a* malva ufana.

Pag. 361, linhas 32—onde se lê: Cibale, sempre attenta ao que *ao* seu cargo tem—lêa-se Cibale sempre attenta ao que a seu cargo tem.

Pag. 361, linhas 41—onde está virgula, esteja ponto.

Pag. 362, linhas 31—onde se lê: bem *a* póde—lêa-se: bem *o* póde.

Pag. 364, linhas 39—onde se lê: que não é desagradavel—lêa-se: que não lhes é desagradavel.